

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

RITA DE CÁSSIA SILVA SANTOS

VISIBILIDADE E PODER:
UM ESTUDO SOBRE TEXTOS NAS CONTAS DO *TWITTER*
DA UFS, DA UFRJ E DA USP.

São Cristóvão/SE
2012

RITA DE CÁSSIA SILVA SANTOS

VISIBILIDADE E PODER:
UM ESTUDO SOBRE TEXTOS NAS CONTAS DO *TWITTER*
DA UFS, DA UFRJ E DA USP.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Lilian Cristina Monteiro França.

São Cristóvão/SE
2012

TERMO DE APROVAÇÃO

RITA DE CÁSSIA SILVA SANTOS

VISIBILIDADE E PODER:
UM ESTUDO SOBRE TEXTOS NAS CONTAS DO *TWITTER*
DA UFS, DA UFRJ E DA USP.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Lilian Cristina Monteiro França.

Banca Examinadora:

Anne Alilma Silva Souza Ferrete
Doutora em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Universidade Federal de Sergipe

Antônio Ponciano Bezerra
Doutor em Linguística, Universidade de São Paulo
Universidade Federal de Sergipe

Lilian Cristina Monteiro França. (Orientadora)
Doutora em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Universidade Federal de Sergipe

Aprovado em:

São Cristóvão, 09 de agosto de 2012

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Dra. Lilian Cristina Monteiro França, minha orientadora, por acreditar em meu potencial mesmo quando as aparências mostravam o contrário;

Aos colegas de turma Carlos Alexandre, Cezar Neri, Jorge Henrique e Maria do Carmo, que no decorrer desta jornada se tornaram bons amigos;

À Prof.^a Dra. Maria Emília de Rodat de Aguiar Barreto Barros, que, com sua paixão pelo ensino, me inspirou a prosseguir;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, que contribuíram com suas aulas para a escolha de um modelo teórico adequado ao objeto de pesquisa;

Aos professores Helson Silva Sobrinho e Antônio Ponciano Bezerra, pelas observações pontuais feitas quando da qualificação;

À família, minha fortaleza;

A Deus.

A palavra, o discurso e o poder se contemplam de modo narcisista; cabe-nos tentar jogar uma pedra na plácida lâmina de água.

(Adilson Citelli, 2004, p.44)

RESUMO

A inserção das TIC em nosso cotidiano chega a níveis que já nos induzem a considerá-las como indispensáveis aos afazeres diários. A mídia virtual colabora para a introjeção de um modelo mental valorativo da conectividade. Esse contexto justifica o interesse acadêmico no desenvolvimento de pesquisas que se debruçam sobre o domínio da mídia virtual. Para atender à proposta de observar relações de poder que perpassam os *microblogs* a partir da constituição de discursos de instituições de ensino superior, tomamos como objeto de trabalho as páginas iniciais do *Twitter* da Universidade Federal de Sergipe (UFS), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade de São Paulo (USP). Estabelecemos como objetivos específicos: i. destacar particularidades do domínio virtual por meio da caracterização de noções específicas desse campo; ii. situar o *microblog* como gênero textual, considerando sua estrutura composicional e o suporte em que é reproduzido; iii. avaliar a emergência do hipertexto como base para os gêneros textuais digitais; tecer considerações sobre a linguagem nesse âmbito; iv. Identificar estruturas discursivas que contribuem para a naturalização de procedimentos de controle e poder; v. compreender como estruturas sociais e estruturas discursivas se relacionam de modo a automatizar um discurso que dita a premência por visibilidade e ilude quando simula liberdade de expressão irrestrita. Para fundamentar a pesquisa, conceituamos alguns termos próprios da cibercultura. Partimos de estudo de Castells (2010) para tratar de internet; com Vaz (2008), discorremos sobre rede; com Santaella (2003) e Primo (2008b), trouxemos o conceito de mídia; fizemos observações sobre o virtual com Lévy (1998), além de algumas colocações sobre globalização, embasadas em Boaventura de Sousa Santos (2002), Sodré (2010), Moraes (2010), Britto (2009) e Chauí (2006). Para delimitar a noção de gênero adotada, tomamos Marcuschi (2005) e Bakhtin (2003); usamos os construtos de Komesu (2005), Recuero (2003) e França (2008) entre outros para caracterizar *blog* e Zago (2008), Java et al. (2007) e Huberman et al. (2008) na caracterização do *microblog*. Fizemos breves considerações sobre linguagem no ambiente digital (MARCUSCHI, 2005 e SOARES, 2002) para depois entrarmos na questão do suporte (principalmente MARCUSCHI, 2009, CHARTIER, 1998). Estes conceitos foram articulados aos da Análise Crítica do Discurso a partir da visão sociocognitiva defendida por van Dijk (1985, 2008 entre outros). Os procedimentos metodológicos empregados na coleta de dados partiram da observa o simples para interpreta o, pelo viés da ACD, de *corpus* composto por 36 *posts*. Os resultados confirmaram a hipótese de que estruturas discursivas relacionadas a estruturas sociais são responsáveis pela automatiza o de um discurso que prega a visibilidade incontestada e a liberdade de expressão irrestrita na comunica o mediada por computador e assim contribuem para a naturaliza o de procedimentos de controle que alimentam rela es de poder verticalizadas.

Palavras-chave: *Microblog*. *Twitter*. Visibilidade. Poder. ACD. Van Dijk.

ABSTRACT

The integration of ICT in our daily life reaches levels that have led us to regard them as indispensable to the daily chores. The virtual media contributes to the internalization of a mental model that emphasizes connectivity. This context justifies the academic interest in developing research projects that focus on the field of virtual media. To achieve the purpose to observe power relations that underlie the microblogs, we took the opening pages of Twitter, Federal University of Sergipe (UFS), Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) and Universidade de São Paulo (USP). We set the following objectives: i. highlight features of the virtual domain through the characterization of specific notions of the field, ii. situate microblog as a genre, considering its compositional structure and the support that is played, iii. evaluate the emergence of hypertext as a basis for digital textual genres; comment on the language in this context, iv. Identify discursive structures that contribute to the naturalization of power and control procedures; v. understand how social structures and discursive structures automate a discourse that dictates the urgent need for visibility and simulate notions of unrestricted freedom of expression. In the first chapter, we conceptualize some terms of cyberculture. We took Castells (2010) to deal with concept of internet; with Vaz (2008) we talk about networking and with Santaella (2003) and Primo (2008b) we brought the concept of media; texts of Levy (1998) comment about virtual to finalize making a few statements about globalization, backed up by Boaventura de Sousa Santos (2002), Sodr e (2010), Moraes (2010), Britto (2009) and Chau  (2006). In the second chapter, we followed Marcuschi (2005) and Bakhtin (2003) to define the notion of genre adopted, we use the constructs of Komesu (2005), Recuero (2003) and France (2008) among others authors to characterize blog and we followed Zago (2008), Java et al. (2007) and Huberman et al. (2008) in characterizing the microblog. Also in this section, we briefly consider language in the digital media (Marcuschi, 2005 and Soares, 2002) and then we got into the question of support (mainly Marcuschi, 2009, Chartier, 1998). The third chapter dealt with the Critical Discourse Analysis from the sociocognitive view advocated by van Dijk (1985, 2008 and others). In the last chapter, we describe the methodological procedures used in data collection. Simple observation coupled with concepts of CDA based the interpretation of the corpus made of 36 posts. Then we proceed to the description of the methodology and composition of the corpus, we draw the profile of the institutions surveyed and we began to analyze data. The results confirmed the hypothesis that discursive structures related to social structures are responsible for the automation of a discourse that preaches the undeniable visibility and unrestricted freedom of expression in computer-mediated communication and thus contribute to the naturalization of control procedures that feed vertical power relations.

Keywords: Microblog. Twitter. Visibility. Power. CDA. Van Dijk.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. SITUANDO O DOMÍNIO VIRTUAL	13
1.1. Sobre internet.....	13
1.2. Sobre rede.....	15
1.3. Sobre mídia.....	17
1.4. Sobre o virtual	18
1.5. Sobre globalização.....	20
2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO TEXTUAL NO DOMÍNIO VIRTUAL	23
2.1. Gênero textual: conceituação	23
2.2. O texto na internet e os gêneros digitais	25
2.2.1. Texto e hipertexto	26
2.3. A questão do suporte.....	30
2.4. Blog - caracterização	31
2.5. Twitter - a emergência de um novo gênero.....	34
3. SOBRE A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO	43
3.1. A vertente de van Dijk.....	45
3.2. Conceitos basilares em ACD.....	46
3.2.1 sobre discurso	47
3.2.2. Sobre ideologia	50
3.2.3. Sobre poder.....	53
4. TWITTER E AS RELAÇÕES DE PODER.....	61
4.1. Aspectos metodológicos	61
4.1.1. A constituição do <i>corpus</i>	62
4.1.2. Perfil das universidades.....	63
4.2. Análise dos dados.....	65
CONCLUSÃO.....	75

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	77
ANEXOS.....	85
ANEXO – 1 Postagens de @USPOnline analisadas.	85
ANEXO – 2 Postagens de @AscomUFS analisadas.	87
ANEXO – 3 Postagens de @UFRJ analisadas.	90

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade se apresenta como um momento em reconfiguração sob vários aspectos. Descobertas tecnológicas, sobretudo aquelas ligadas à área de novas tecnologias da informação e comunicação (TIC), por se processarem numa grande velocidade, interferem em nossas percepções relativas ao tempo e ao espaço e em nossas relações interpessoais de modo a ressignificar noções de público e privado. Mesmo nosso conceito de identidade tem sido afetado. A inserção da tecnologia em nosso cotidiano tem atingido níveis que já nos induzem a considerar seus aparatos como elementares, indispensáveis aos afazeres diários.

A mídia virtual¹ colabora para a introjeção de um modelo mental valorativo da conectividade. Estar *online*, fazer parte de redes sociais, manter *blogs* e *microblogs* se apresentam como ações corriqueiras. A mídia tradicional incorpora e contextualiza o vocabulário da internet. A economia se vale da rapidez das mudanças para promover a descartabilidade. Em contraponto, no domínio ambientalista, se exalta a sustentabilidade. O próprio domínio educacional, mais lento em suas transformações, não ficou imune a essas novidades; observa-se a readaptação de metodologias, a reconfiguração de gêneros textuais; a tentativa de letramento digital entre outras ações.

Esse contexto, em que estar em rede é primordial, justifica o interesse acadêmico no desenvolvimento de pesquisas que esmiúcem aspectos do domínio da mídia virtual. Nosso estudo se filia a essa proposta na busca de entendimento para as relações de poder que perpassam os *microblogs*, gêneros constituídos no ambiente digital. Tomamos, então, como objeto de trabalho o perfil do *Twitter* de três universidades públicas nacionais: as federais de Sergipe (UFS) e do Rio de Janeiro (UFRJ) e a estadual de São Paulo (USP)².

A pesquisa que empreendemos justifica-se, ainda, porque, embora haja um bom número de artigos acadêmicos sobre *Twitter*, poucos são os trabalhos de fôlego. Dissertação de Daniel Augustin Pereira na área de Administração intitulada “As mídias sociais como estratégia de comunicação em instituições de ensino” é um estudo de caso no Instituto Federal de Educação de Santa Catarina que mesmo não tendo o *Twitter* como único objeto de análise, pode contribuir com dados interessantes no estudo de textos do *microblog*. Na área de Comunicação, merece destaque dissertação de Gabriela Zago; a pesquisa de 2011 tem como

¹ Mais adiante nos posicionaremos quanto a conceitos como mídia virtual e mídia tradicional.

² No capítulo 4, justificamos nossa escolha por estas instituições.

título “Recirculação jornalística no Twitter: filtro e comentário de notícias por interagentes como forma de potencialização da circulação”; o estudo constitui boa base para observação das notícias no domínio virtual . A pesquisadora faz menção a estudo inglês de 2007: “Twitter: expressions of the whole self”, de Mischaud. Na área de Letras, especificamente sob a ótica das teorias do texto e do discurso, não temos conhecimento de dissertações ou teses.

Pelo acima exposto, consideramos o *Twitter* como representante adequado para atingir o objetivo geral de analisar, mediante o gênero textual *microblog*, a constituição de discursos de instituições de ensino superior e sua relação com estruturas de poder a partir da visibilidade que o suporte virtual possibilita.

Para alcançar essa meta, estabelecemos como objetivos específicos: i. destacar particularidades do domínio virtual por intermédio da delimitação de conceitos próprios do meio; ii. situar o *microblog* como gênero textual³, considerando, além de sua estrutura composicional, o suporte em que é reproduzido; iii. avaliar a emergência do hipertexto como base dos gêneros textuais digitais e tecer considerações sobre a linguagem nesse âmbito; iv. identificar, nas postagens, estruturas discursivas que contribuem para a naturalização de procedimentos de controle na comunicação mediada por computador; v. compreender como estruturas sociais, em sua relação com estruturas discursivas, são responsáveis pela automatização de um discurso que prega a visibilidade incontestada e a liberdade de expressão irrestrita.

Assim, organizamos esta pesquisa em quatro capítulos, seguidos de considerações finais. No primeiro, numa tentativa de melhor caracterizar o domínio virtual, buscamos conceituar alguns termos próprios da cibercultura. Partimos de estudo de Castells (2010) para discorrer sobre internet; tomamos Vaz (2008) a discussão sobre rede; com Santaella (2003) e Primo (2008b) entramos no tópico mídia do qual passamos a observações sobre o virtual com Lévy (1998), para finalizarmos fazendo algumas colocações sobre globalização, embasadas por Boaventura de Sousa Santos (2002), Sodré (2010), Moraes (2010), Britto (2009) e Chauí (2006).

No segundo capítulo, tomamos como base os trabalhos de Marcuschi (2005) e de Bakhtin (2003) para situar a noção de gênero adotada; tomamos Komesu (2005), Recuero

³Teceremos antes algumas considerações sobre o conceito de gênero textual com o intuito de deixar claro nosso posicionamento a esse respeito.

(2003) e França (2008), entre outros, para caracterizar *blog* e Zago (2008), Java et al. (2007) e Huberman et al. (2008) para refletir sobre o conceito de *microblog*. Ainda nesse capítulo, fazemos breves considerações sobre linguagem no ambiente digital (MARCUSCHI, 2005 e SOARES, 2002) para então adentrar na questão do suporte (principalmente MARCUSCHI, 2009, CHARTIER, 1998).

O terceiro capítulo traz os postulados da Análise Crítica do Discurso sob a ótica sociocognitiva de van Dijk (1985, 2008 entre outros) que serviram para fundamentar as observações sobre estruturas discursivas, estruturas sociais e suas relações de poder.

No último capítulo, encontram-se descritos os procedimentos metodológicos empregados na coleta de dados. A observação simples aliada a conceitos básicos da ACD foram basilares para a interpretação do *corpus* composto por postagens da Universidade Federal de Sergipe (UFS), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade de São Paulo (USP). Após descrição da metodologia e da composição do *corpus*, foi traçado um perfil das instituições pesquisadas para, em seguida, proceder à análise dos dados e à exposição dos resultados.

Esperamos com esse estudo colaborar para o desenvolvimento de uma visão mais crítica sobre a questão do discurso materializado no texto produzido em domínio virtual e suas relações com estruturas de poder, de modo a desautomatizar crenças partilhadas, que a visibilidade do meio propicia.

Por se tratar de um âmbito em que as mudanças se processam constante e rapidamente, os gêneros textuais, nesse domínio, encontram-se em construção, o que permite a ampliação do campo de pesquisa para estudos futuros na área de Letras que tenham o texto como elemento central, visto que a maioria das pesquisas sobre *microblogs* parte da área da comunicação.

1. SITUANDO O DOMÍNIO VIRTUAL

Difícil, hoje em dia, encontrar uma área em que as tecnologias de informação e de comunicação não estejam presentes de alguma forma. Conexão, conectividade, estar *online*, expressões correlatas abundam e adentram lares, empresas, espaços de trabalho e de lazer. O vocabulário específico de *blogs*, *microblogs*, redes sociais é absorvido e aplicado em outros contextos. Na contemporaneidade, não se está mais “atenado” aos acontecimentos, se está a eles “conectado”; as metáforas relacionadas à mídia televisiva dão lugar àquelas próprias do domínio virtual.

Mas o que é esse domínio virtual? O que abrange? Quais seus limites? Suas especificidades? Conquanto façam parte de nosso cotidiano, termos relacionados ao ciberespaço geram alguma confusão quanto à sua significação; por vezes são tomados como sinônimos sem, na verdade, o serem; por vezes têm seu conceito atenuado ou simplificado pelo uso ordinário. Para demarcar esses limites, neste capítulo, discorreremos sobre rede, internet, mídia digital, virtual e globalização.

1.1. SOBRE INTERNET

O dicionário eletrônico Houaiss nos informa que a internet é uma “rede de computadores dispersos por todo o planeta que trocam dados e mensagens utilizando um protocolo comum, unindo usuários particulares, entidades de pesquisa, órgãos culturais, institutos militares, bibliotecas e empresas de toda envergadura”. O Houaiss informa, ainda, que o vocábulo tem origem no idioma inglês e que se trata de uma redução do termo *internetwork* (ligação entre redes).

Para Castells (2010, p.255), essa “rede de redes de computadores capazes de se comunicar entre si” caracteriza um meio de comunicação, de interação e de organização social, capaz de cooptar indivíduos para mobilização social (*idem*, p.278). Segundo o autor, a internet articula diferentes mídias para canalizar informação e delimitar o que podemos e o que não podemos ver (*idem*, p.279). O poder de conexão da internet não se restringe à esfera da informação, mas abrange o âmbito das relações sociais, ressignificando-as, potencializando-as. A internet engloba o econômico, a política, o cultural de tal forma que fundamenta as bases do que Castells (2010, p.256) denomina “sociedade em rede”. A

estrutura social dessa sociedade em rede se estabelece “em torno de redes de informação a partir da tecnologia de informação microeletrônica estruturada na Internet” (idem, p.285).

Embora em termos técnicos haja peculiaridades que diferenciam web e internet⁴, devido às limitações desta pesquisa, entendemos que maiores detalhamentos técnicos não se fazem necessários aqui na caracterização da rede. Por outro ângulo, o uso corrente dos vocábulos como sinônimos reforçam nossa decisão de sua utilização indistintamente.

Isso posto, ressaltamos – o que também é lembrado por Castells – que o potencial globalizante da internet não abarca o todo social. Sua incidência é extremamente desigual entre países e mesmo dentro de um determinado país. A rede tecida pela web amplia possibilidades de posturas mais democráticas – afinal “**em tese**” qualquer um pode publicar na internet, qualquer um pode ter acesso a amplas e diversificadas fontes de informação e de entretenimento, qualquer um pode fazer parte de uma rede de mobilização social –, mas, ao mesmo tempo a web representa um espaço privilegiado para a desigualdade, para a estratificação social na medida em que o acesso a ela demanda a observância de questões como poder aquisitivo, qualidade da educação formal, apenas para exemplificar. Castells dá ênfase, ainda, à desigualdade na absorção da informação que a internet comporta quando diz que

Uma vez que toda a informação está na rede - ou seja, o conhecimento codificado, mas não aquele de que se necessita -, trata-se antes de saber onde está a informação, como buscá-la, como transformá-la em conhecimento específico para fazer aquilo que se quer fazer. Essa capacidade de aprender a aprender; essa capacidade de saber o que fazer com o que se aprende; essa capacidade é socialmente desigual e está ligada à origem social, à origem familiar, ao nível cultural, ao nível de educação. É aí que está, empiricamente falando, a divisória digital neste momento (CASTELLS, 2010, p.266-7).

Vaz (2008, p.236) coloca que, apesar da diversidade que o alcance global da web proporciona, essa vastidão de conteúdo nos permite apenas uma visão míope na medida em que o global só é assimilável em nível local e que essa assimilação depende de um elemento mediador que, mediante filtros, seleciona e personaliza informações de acordo com as preferências do internauta. Essa mediação, à guisa de facilitar a navegação do usuário, finda por impor limites sobre o conteúdo acessado. Não se pode afirmar que o internauta tenha pleno controle sobre as informações que lhe chegam. Chauí ratifica a importância de

⁴ Internet é um sistema de redes de computadores de abrangência mundial, permanentemente interligados. Difere de *web* – *World Wide Web* ou simplesmente WWW – que é um sistema de informações que abarca outros sistemas de informação que se encontram na internet.

[...] saber quem tem a gestão de toda a massa de informações que controla a sociedade, quem utiliza essas informações, como e para que as utiliza, sobretudo quando se leva em consideração um fato técnico, que define a operação da informática, qual seja, a concentração e centralização da informação, pois, tecnicamente, os sistemas informáticos operam em rede, isto é, com a centralização dos dados e com a produção de novos dados pela combinação dos já coletados (CHAUI, 2006, p.59)

Os nós que compõem a rede que é a web comportam a condição paradoxal de democraticamente descentralizar informação e ao mesmo tempo concentrar sua produção e distribuição.

No próximo segmento, para ampliar a discussão sobre o domínio virtual, trataremos do termo rede.

1.2 SOBRE REDE

De acordo com Paulo Vaz (2008), houve uma transformação semântica na utilização do termo rede no decorrer do período compreendido entre os anos 1960 e 1990. Anteriormente, tratava-se de fenômeno localizado. Quando usado em referência a grupos sociais designava pejorativamente organizações de caráter oculto, contrárias ao bem comum. Por outro ângulo, numa acepção mais técnica, designava forma de distribuição de fluxo produzido centralmente e apropriado localmente por canais fixos. A expressão ou não possuía uma acepção relacionada diretamente ao social ou, quando tinha, não se relacionava ao conceito de público. Essa concepção do termo era usada “de modo diametralmente oposto ao sentido atual, onde a rede aparece como exemplo do que é aberto, rompe hierarquias, transgride fronteiras, impede o segredo e pode ser produzido e apropriado por qualquer um (VAZ, 2008, p.222)”. Coube à internet o papel de redimensionar o significado do vocábulo. Assim, introduziu-se uma definição na qual rede é constituída por nós e conexões diretas ou indiretas. Embora o número de nós possa ser finito, a rede é ilimitada, pois de cada nó percebe-se outros tantos de forma que não há uma centralidade, não há contornos limítrofes. Isso facilita a adesão de novos elementos e faz da rede “a estrutura mínima de ordem, singularizada por sua tolerância à diversidade social e temporal (idem, p.223)”. Esse novo conceito implica também alterações nas relações entre local e global: uma distribuição localizada (centralizada) da informação por meio automatizado com abrangência global. Essa nova forma de relacionar o local e o global tecnicamente serve de fundamento para pensar essa mudança também em termos de organização social.

Vaz (2008) chama a atenção para o fato de que, embora o princípio de rede moldado com a internet seja o de promover a proximidade, uma forma de distanciamento se instaura em concomitância. Descentralização e ausência de uma estrutura hierárquica na produção e na transmissão da informação andam ladeadas por um distanciamento cognitivo que diz respeito à impossibilidade de absorção de informações excessivas e à dificuldade de localizar nessa vastidão informativa aquilo a que se procura. Dá-se uma limitação no que é por princípio ilimitado.

Como forma de direcionamento nesse mar de informação, filtros funcionam como mediadores no processo de busca por serviços ou bens, como meio para conectar indivíduos a partir de suas singularidades, seus interesses comuns. O mediador além de conferir credibilidade à informação reduz o tempo busca. Entretanto, no outro gume da faca está o fato de que para fornecer a comodidade de informações personalizadas ao usuário é imprescindível rastreá-lo para poder traçar dele um perfil de consumo⁵. Na mediação, estão implicados tanto o conforto quanto o controle. Vaz (idem, p.235) enfatiza que muitas vezes a percepção dessa limitação é enublada pelo volume de informação e de usuários que adentram diariamente na rede. Ao invés do novo, da diversidade, o indivíduo recebe o homogêneo. No dito de Vaz (idem, p.236), a “personalização de informações é, certamente, uma colonização do espaço público pelos interesses privados, distinta, mas aparentada à exibição espetacular de sofrimentos individuais em nossas telas de TV”.

Partilhamos do posicionamento de Silva Sobrinho (2011) quando sinaliza a existência de discursos saturados sobre internet, Ciberespaço e Cibercultura que trazem em seu bojo metáforas da comunicação e da informação enquanto rede que engloba e universaliza a ponto de nos situar numa “sociedade de informação”. Tais discursos, tomados como evidência, colaboram para a naturalização de noções como *disponibilidade ilimitada de informação*, *liberdade incondicional de expressão* e findam por enevoar um posicionamento mais crítico perante tais questões. Com Chauí (2006, p.65), vemos que esses discursos indicam que a “economia contemporânea se funda sobre a ciência e a informação, graças ao uso competitivo do conhecimento, da inovação tecnológica e da informação nos processos produtivos e financeiros, bem como de serviços como a educação, a saúde e o lazer”.

⁵ Usamos aqui o termo consumo – numa remissão a Mannheim (MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.) – para frisar a postura contemporânea que destitui a informação de seu caráter de bem simbólico para tratá-la como mercadoria.

A mídia tem papel decisivo nesse processo, portanto cabe aqui levantar alguns pontos sobre a questão.

1.2. SOBRE MÍDIA

O termo mídia implica certa ambiguidade (Santaella, 2003). Sua ampla utilização colabora para uma simplificação em termos de significação que pode induzir à ideia errônea de transparência. Contudo, é inegável observar um alargamento do termo mediante a incorporação de novas tecnologias. Assim, a estrutura midiática tradicional (da qual fazem parte rádio, televisão, revistas e jornais impressos) agregou elementos do meio digital e adotou uma nova configuração na contemporaneidade.

A caracterização de tipos de mídia leva em consideração geralmente quantidade do público atingido, como esse público é composto e como é configurado o processo de circulação do produto midiático⁶. Assim, de acordo com Zago (2011), a mídia de massa tem caráter mais abrangente por englobar público vasto e variado como é o caso da televisão. A mídia de nicho é composta por conteúdo específico direcionado a uma audiência especializada. A micromídia, também com público e circulação restritos, se distingue da mídia de nicho por não possuir caráter estritamente profissional como ocorre, por exemplo, com fanzines.

No que concerne estritamente aos *blogs*, em sua origem poderiam fazer parte de uma micromídia já que nos primórdios da internet poucos tinham acesso a essa funcionalidade e, por conseguinte, a veiculação de conteúdos em *blogs* limitava-se a algumas listas de *links*. Com os avanços tecnológicos, houve a expansão da web o que possibilitou o aprimoramento não somente da estruturação dos *blogs*, mas também de seus usos e, em decorrência, o acréscimo no número de usuários. Esse desenvolvimento impossibilita incluí-los na categoria de micromídia. Primo (2008b) soluciona a questão propondo o que chama de “encadeamento midiático” – a inter-relação entre mídia de massa, mídia de nicho e micromídia digital – devido à amplitude de usos que compreende e à diversificação em sua audiência.

Conforme Primo (2008b, p.12), a multiplicação de fontes de informação proporcionada por *blogs* minimizou o poder dos meios massivos tradicionais, muito embora

⁶ Por conta dos objetivos da nossa pesquisa, nos ateremos apenas a essas características, embora haja outras formas de classificação. Maiores informações podem ser encontradas em Thorton (1996), Primo (2008) e Zago (2011).

estes sigam constituindo fonte informativa para *blogs e microblogs*. O pesquisador menciona que “a própria blogosfera pode agir como retroalimentação das estruturas hegemônicas de poder (idem, p.13)”. A contemporaneidade configura um momento de hibridização midiática que justifica falar em mídia virtual em contraponto a mídia tradicional impressa.

Blogs e microblogs compõem, assim, a mídia virtual, meio de comunicação e de veiculação de informação em âmbito digital ou eletrônico. Mas o que vem a ser virtual? Na próxima seção, com o intuito de melhor situar a questão, discorreremos sobre o tema a partir dos livros *O que é virtual*, de Pierre Lévy (1998) e *Cibercultura*, de Rovilson Britto (2009).

1.3. SOBRE O VIRTUAL

Faz parte de uma tradição filosófica o estudo da passagem do possível ao real ou do virtual ao atual. Lévy (1998) enfatiza o processo contrário e chama a atenção para a existência de modalidades de virtualização. O possível é imutável, em seu estatismo constitui o real, o existente; já o virtual, um “complexo problemático”, caminha para a atualização – a solução do problema. Como o atual tem configuração dinâmica, seu caráter de criação incita um movimento cíclico de retorno ao virtual. Dessa forma, pode-se perceber que (a despeito de um uso corrente) o real, por tratar-se de um estado pré-definido, não se opõe ao virtual.

Enquanto a atualização vai do problema para a solução; a virtualização trilha o caminho contrário: a partir de uma solução inicial dada, chega a um novo problema, de modo que a atualidade se particulariza dando lugar a uma problemática mais ampla, mais geral. Por essa fluidez de movimento, o virtual não se prende a típicas relações espaço-temporais. A despeito de estar situado num espaço que não se pode designar, num tempo que não é uno, o virtual, ainda assim não deve ser associado ao imaginário, ao não-existente.

Conforme Lévy, a generalização do transporte rápido e a multiplicidade de meios de comunicação colaboram para a virtualização da sociedade. Essa virtualização atenua limites: os clássicos conceitos de público e privado carecem de reformulação em âmbito virtual; o que antes era tido como particular, ora pode ser compartilhado. Tudo isso acarreta transformações identitárias, modifica relações com a alteridade.

Diferente da postura adotada nesta pesquisa que encara o texto como materialidade linguística pela qual o discurso se constitui, Lévy (1998) considera o texto como um objeto virtual, abstração que independe da especificidade do suporte. Sofre constante atualização de

acordo com os vários meios de produção e de circulação, bem como a partir das leituras - a interpretação sendo o modo singular de solução do problema do sentido. Para o autor, a escrita enquanto tecnologia intelectual intensifica o processo de virtualização da função cognitiva que é a memória.

O hipertexto é tido como matriz para a realização (quando da interação com o usuário) de textos em potência, uma vez que a informática – sob sua ótica mecânica – comporta uma combinatória que predetermina um conjunto de possíveis, não uma problemática. O virtual dá-se somente quando da presença da subjetividade que, pela leitura e consequente interpretação, colabora para a atualização textual.

Para Lévy (1998), as formas de apresentação do texto em âmbito digital importam na medida em que concorrem para o estabelecimento de novas formas de leitura e de compreensão textual uma vez que, nesse domínio, o usuário/leitor adota postura mais ativa devido à necessidade de lidar com comandos para que o computador proceda à realização do texto em tela.

Silva Sobrinho (2011, p.23) sugere uma leitura que reveja a definição de “virtual” adotada por Lévy de modo a adotar um posicionamento menos “ingênuo” sobre tal questão, uma vez que, para aquele, “[...] O espaço virtual não é uma descoberta produzida e utilizada em si mesma, como se fosse algo desvinculado da práxis social; ao contrário, consiste em relações sociais e, por isso, também, relações significantes e contraditórias de uma dada conjuntura histórica [...] (SILVA SOBRINHO 2011, p. 28)”.

Britto (2009) apresenta outra proposta de caracterização do virtual; ele parte do princípio de que não se pode falar em real na sociedade contemporânea, e sim em dimensões diferenciadas da realidade. Desse modo, valores e rotinas vivenciadas pelas pessoas remetem ao real cotidiano; a produção simbólica advinda dos meios de comunicação de massa corresponde ao real midiático (BRITTO, 2009, p.128); finalmente, “o grande estoque disponível no ciberespaço que se pode materializar em qualquer terminal, a qualquer instante” constitui o real virtual (idem, p.180). Virtual aqui remete à disponibilidade para se realizar.

As três dimensões da realidade se relacionam, estão em constante interação. Entretanto, a realidade virtual altera as demais sem, contudo, apagar suas especificidades. Na dimensão do cotidiano, são ressignificadas atividades em várias áreas – trabalho, estudo, lazer – por conta da ampliação ao acesso à informação e ao conhecimento. Na dimensão midiática,

mediante a apropriação de particularidades da cibercultura, potencializam-se características fundamentais do real midiático como a espetacularização, por exemplo. Apesar das tensões, Britto (idem, p.180) salienta que as três formam “um todo que não tem predominância estabelecida *a priori*, mas que continua tendo a realidade cotidiana como espaço central das significações que operamos [...]”.

Diante do exposto, ratificamos o uso da expressão virtual nessa pesquisa não como oposto a real, mas como elemento que detém as condições essenciais de realização de algo mediante sua atualização. O texto, ainda que em ambiente digital, não constitui uma abstração; uma vez na tela do computador, trata-se de uma materialidade passível de constantes atualizações. Texto é uma manifestação linguística oral ou escrita⁷ que comporta propriedades estruturais específicas, basilares para a produção de sentido, mas que permitem atualizações porque o texto é construído dialogicamente na interação com atores sociais em suas relações com o contexto histórico, social e cognitivo. Dialogismo que se configura ainda mais forte se considerarmos as possibilidades de produção colaborativa advindas da internet. A mídia virtual, assim, constitui meio de veiculação de informação e de comunicação que se realizam pelas atualizações proporcionadas por processos dialógicos típicos do domínio digital.

Demarcadas essas posições, resta-nos, para dar continuidade à temática, tecer comentários sobre a globalização e as implicações que traz nas relações de poder da mídia em domínio virtual.

1.5. SOBRE GLOBALIZAÇÃO

Boaventura de Sousa Santos (2002) afirma como tendência da globalização um metaconsenso de que houve um desaparecimento de clivagens políticas profundas que interferiu nas transformações sociais. Para ele, a globalização é um conjunto de relações traduzidas na intensificação das interações transnacionais, sejam elas representadas por práticas interestatais, capitalistas globais ou sociais e culturais (SANTOS, 2002, p.72). Essas relações são caracterizadas pela desigualdade de modo a formar grupos dominantes e grupos dominados. Os primeiros englobam entidades e fenômenos locais, desestruturam-nos e os ressignificam para, em seguida, os vincularem de volta a seus espaços e ritmos de origem.

⁷ A noção de texto e das propriedades que o compõem pode ser entendida de forma diversa de acordo com a concepção teórica que se adote. Em conformidade com as limitações desta pesquisa, trata-se aqui exclusivamente do texto verbal escrito.

De acordo com Sodré (2010, p.23), o fenômeno da globalização não é novo, o que o atualiza é a informação aliada a mudanças em torno do capital direcionado à tecnologia. Historicamente relacionada à expansão territorial e de capital, globalização, enquanto novo referente, caracteriza-se pela autonomização de processos financeiros. Dessa forma, se estabelece uma correspondência direta entre o aumento dos mecanismos de informação e comunicação e a velocidade da circulação dos capitais financeiros.

Para Sodré (2010, p.25-7), o período liberal universalizou um ideário de liberdade e igualdade que levou a burguesia ocidental a adotar um individualismo caracterizado pela capacidade de posse, de acúmulo de bens. Essa concepção foi retomada pelo neoliberalismo que, no entanto, esvaziou o discurso primeiro de um individualismo ativo – atrelado a uma consciência social forte – e passou a propagar um individualismo passivo no qual predomina o consenso gerencial em vez de participação política plena; desejo de consumo em lugar de desejo de propriedade; desejo por absorver informação para obter status em detrimento de vontade produtiva. Garante-se, assim, a naturalização de um ideário que prega a liberdade irrestrita: quanto mais se tenha acesso à informação, maior a tendência a uma comunicação universal. A economia sobrepõe-se à política; o mercado é o paradigma diretivo desse movimento de globalização que consiste na propagação em âmbito mundial de padrões de comportamento, de produtos e de informações (idem, p 23). Chauí (2006) considera que a mídia virtual potencializa de tal maneira o poder do capital a ponto de o econômico absorver o simbólico. No dizer de Moraes (2010, p.187), a “retórica da globalização intenta incutir a convicção de que a fonte primeira de expressão cultural se mede pelo nível de consumo dos indivíduos”.

Nesse quadro, a mídia, sobretudo a mídia virtual, tem papel primordial, visto promover amplamente o ideário da globalização através da veiculação de informação em tempo real, além de funcionar como agente propulsor da economia no mercado mundial na medida em que dá visibilidade, mediante estratégias de *marketing* e de venda, a produtos e serviços (MORAES, 2010, p.191; SODRÉ 2010, p.35). Para Britto (2009, p.29), a mídia é responsável, inclusive, por “estabelecer um tempo de referência para o social, em torno do qual propõe que sejam estruturados os demais”.

Para fortalecer as bases desse discurso acrítico que se quer hegemônico, mercado e tecnologia se põem como valores universais e a experiência da globalização legitima-se como irrevogável e interfere no tempo e no espaço que – primordiais na compreensão das relações

sociais e de processos discursivos – se reconfiguram de acordo com imposições do ciberespaço.

Nesse tempo cibernético que intenta a instantaneidade, nesse espaço que prima por ser transfronteiriço, a constituição identitária, premente por visibilidade, de escreventes de *blogs* e *microblogs* ratifica a emergência de um paradigma de complexidade em que convivem contraditoriamente aparatos que limitam quando libertam, excluem quando incluem, mas que permitem deslocamentos quando proporcionam rupturas.

É nesse panorama que se estabelece o domínio virtual no qual a tríade texto/discurso/poder se potencializa pela visibilidade globalizante proporcionada pela web. Nesse domínio, reconfiguram-se práticas sociais às quais os gêneros textuais se vinculam e como construtos sociocognitivos influenciados pelo histórico se atualizam em gêneros como o *microblog*. O próximo capítulo traz observações sobre gêneros textuais especificamente em âmbito virtual.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO TEXTUAL NO DOMÍNIO VIRTUAL

Muito se discutiu sobre gêneros textuais; muito ainda se tem discutido. Consensos, dissensos a parte, o fato é que não se pode debater sobre texto sem adentrar no terreno do gênero; sobretudo se o texto faz parte deste já não tão novo, mas certamente inovador meio que é a internet. Matencio, num trabalho de 2006, chama a atenção para o fato de ser:

[...] natural que uma categoria tão difundida leve a que se veja o fenômeno de forma bastante diversificada. Mas o fato é que, embora se multipliquem as abordagens dos gêneros – os quais ora são vistos como estruturas textuais; ora como modelos cognitivos de produção e recepção de textos; ora como formas regulares de estruturação das práticas discursivas (...) –, as diferentes propostas de tratamento do fenômeno têm em comum o fato de que não ignoram a interface entre o social e o cognitivo nas interações sociais, assim como as relações entre a atividade social e a ação do sujeito [...].(MATENCIO, 2006, p.3)

Vistos como uma forma de prática social, os gêneros textuais influenciam diretamente as estruturas sociais, contribuem para a constituição da subjetividade do indivíduo, estabelecem processos de interação e manifestam relações de poder. No dizer de Marcuschi, “são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia-a-dia” (MARCUSCHI, 2008, p.161).

Neste capítulo, apresentaremos a noção de gênero adotada; características de alguns gêneros do ambiente digital e peculiaridades quanto à linguagem do gênero em foco neste estudo; bem como discorreremos sobre hipertexto e suporte a fim de embasar a adoção do *microblog* como gênero de texto.

2.1. GÊNERO TEXTUAL: CONCEITUAÇÃO

Os gêneros textuais são construtos sociocognitivos influenciados cultural e historicamente. Embora tenham estrutura pré-determinada, são maleáveis, têm dinamicidade e vinculam-se a práticas sociais cotidianas ordenando as atividades comunicativas. De acordo com Marcuschi (2003a, p.20), antes de caracterizar um gênero por considerações apenas estruturais e linguísticas, devem-se observar suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais. Para ele, a despeito de ter propósitos absolutamente claros que o determinam e estabelecem uma esfera de circulação, forma, estilo e conteúdo não configuram sua

determinação; a função o faz (MARCUSCHI, 2008, p.150)⁸. Já dizia Bakhtin (2003, p.266) “que uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros”.

Ligados de forma indissolúvel no todo do enunciado, o conteúdo temático, o estilo⁹ e a construção composicional são determinados pela especificidade de um dado campo da comunicação que elabora os “tipos relativamente estáveis de enunciados”, os gêneros do discurso¹⁰ (BAKHTIN, 2003, p.262). Sua constituição heterogênea os direciona para uma categorização em gêneros primários e gêneros secundários. Aqueles mais simples, formados em condições de comunicação discursivas imediatas; estes, mais complexos porque advindos de esferas de atividades mais desenvolvidas e organizadas, de predominância escrita e que, por vezes, incorporam e reelaboram gêneros primários.

A escolha de um gênero textual é feita mediante a esfera de troca social, as necessidades temáticas que implica, os participantes do processo comunicativo, além da intenção do locutor que adapta sua vontade ao gênero escolhido (idem, p.282), limitando, dessa forma, sua ação no ato de escrita. Numa perspectiva dialógica¹¹, Bakhtin introduz o conceito de cadeia da comunicação discursiva: o gênero é um elo desta cadeia; cada texto tem uma ligação com textos precedentes, geram atitudes responsivas, refletem, desse modo, relações sociais, identidades, formas de representação do mundo e constituem, assim, uma dimensão histórica. Para o pesquisador, nosso discurso

[...] é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos. (BAKHTIN, 2003, p.295)

Dito de outro modo, textos não surgem do nada, ocorre um constante diálogo para produção e circulação de novos textos e nesse processo de reelaboração, para atender a

⁸ Forma, em oposição a conteúdo, constitui o meio linguístico pelo qual se veicula o sentido. Já o estilo consiste na expressão da subjetividade por parte do produtor do texto, a despeito do que implicam as regulamentações linguísticas e sociais a que está submetido. Para desenvolver o assunto, ver Possenti (2001).

⁹ De acordo com Brait (2010, p.79-102), a noção de estilo bakhtiniana não desconsidera a perspectiva dialógica. O estilo é tido como fenômeno social inscrito na língua e em seus usos situados historicamente.

¹⁰ Bakhtin não estabelece distinção entre gênero do discurso e gênero textual. Adotamos neste trabalho a designação gênero textual ancoradas em Marcuschi, 2008; enfatizando, contudo, que “texto e discurso são aspectos complementares da atividade enunciativa” (MARCUSCHI, 2008, p.81).

¹¹ Para Bakhtin, o dialogismo é princípio constitutivo da linguagem; é através de uma relação dialógica que se organiza a produção e a compreensão dos sentidos no enunciado. Toda compreensão exige uma atitude responsiva, dessa forma, os envolvidos no processo comunicativo estão em constante interação. Consultar BAKHTIN (2003) e BRAIT (2006, 2010) para maiores esclarecimentos sobre o tema.

condições socio-históricas, aparecem novos gêneros textuais como os advindos do domínio da mídia virtual. O dialogismo é, assim, constitutivo dos gêneros e influencia diretamente sua diversidade. Na próxima seção, teceremos considerações sobre como se dá essa relação dialógica na internet.

2.2. O TEXTO NA INTERNET E OS GÊNEROS DIGITAIS

É inegável a influência das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) na linguagem e na cognição humanas. A agilidade proporcionada pelo meio corresponde ao momento contemporâneo em que as pessoas são impelidas a fazer, cada vez mais, muitas coisas ao mesmo tempo. A tela de um computador conectado à internet permite ao internauta navegar por sítios variados, rompendo limites espaço-temporais não passíveis de serem transpostos com os recursos de outras tecnologias comunicacionais. A dinamicidade do momento atual afeta os modos de produção, recepção e circulação de textos no ambiente virtual de forma a interferir em seu processo constitutivo. As relações entre um produtor de texto eletrônico e seus leitores têm sido copiosamente estudadas devido às implicações que as TIC impõem. A heterogeneidade típica da rede permite um nível tal de interação e de interatividade¹² amplamente propagadas pelo meio virtual ao ponto de hoje ser corrente vermos procedimentos interativos em jogos eletrônicos, programas de televisão e, sobretudo, em redes sociais formadas na NET. No dizer de Lemos (1997, p.3), “[...] a tecnologia digital possibilita ao usuário interagir, não mais apenas com o objeto (a máquina ou a ferramenta), mas com a informação, isto é, com o ‘conteúdo’”. Para ele a interatividade digital manipula hipertextualmente a informação e a leitura torna-se “um estado de ‘atenção-navegação-interação’”¹³ (idem, p.8).

Assim, novos modos de produção textual estabelecidos, novos gêneros emergem, ora ressignificações de gêneros anteriores, ora compilações adaptadas de mais de um gênero, mas sempre gêneros textuais calcados em outros já existentes ainda que isso nem sempre esteja tão perceptível. Cabe aqui trazermos Bakhtin quando afirma que

Não se deve, de modo algum, minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado. [...] Os gêneros discursivos secundários (...) surgem nas condições de um convívio cultural

¹² O pesquisador André Lemos (1997, p. 1.) define interatividade como “uma forma de interação técnica, de cunho ‘eletrônico-digital’, diferente da interação ‘analógica’”; esta caracteriza a vida social; aquela estabelece um dialogismo entre homem e técnica.

¹³ Grifos do autor.

mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) - artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem um caráter especial: pedem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios [...] (2003, p. 263).

Os gêneros textuais digitais se apresentam numa convergência entre o oral e o escrito; as exigências do meio (que carece de textos mais curtos, diretos, que acompanhem a agilidade com que as informações se propagam na rede) fazem com que os gêneros digitais tomem características dos textos orais agregadas a outras típicas dos gêneros escritos. De acordo com Marcuschi (2005, p.19), “a internet transmuta de maneira bastante complexa gêneros existentes, desenvolve alguns realmente novos e mescla vários outros”. Assim encontramos uma boa gama de gêneros que casam estruturalmente o tradicional e o novo, adquirindo roupagem própria para este período histórico de eventos simultâneos, ágeis, fugazes. Analisaremos a seguir elementos componentes dessa roupagem tomando para tanto um modo de textualidade característico do domínio virtual - o hipertexto - e o suporte que o fixa.

2.2.1. TEXTO E HIPERTEXTO

Sob influência cultural e histórica, o conceito de texto, como o de gênero textual, abarca diferentes formas de tratamento¹⁴. Enquanto manifestação linguística, o texto comporta especificidades que lhe são intrínsecas tais como a coesão e a coerência, elementos primordiais na organização de sua textualidade. No entanto, abordagens sobre texto não podem prescindir de alinhar relações entre o cognitivo, a atividade social e a ação do sujeito. Assim, observando o caráter constitutivo concernente à linguagem, todo texto contém traços das rotinas sociais, é perpassado por relações de poder articuladas ideologicamente e, desse modo, é influenciado por estruturas sociais na mesma medida em que as influencia.

Tomando como referência o processamento e nos atendo estritamente ao texto escrito (para atender aos nossos propósitos de pesquisa) destacamos a linearidade na leitura que, embora seja passível de ser quebrada mediante os interesses do leitor, apresenta-se como característica marcante na recepção de textos tradicionais. Importa também ressaltar que, devido às limitações tecnológicas do meio de distribuição, a possibilidade de agregar outras linguagens ao texto tradicional é pequena, reduz-se praticamente ao acréscimo de ilustrações.

¹⁴ Para uma visão geral sobre o conceito de texto ao longo do tempo ver Indursky (2010).

Salientados esses pontos orientadores para os estudos sobre hipertexto, cabe-nos situar a concepção adotada, nessa pesquisa, de texto como materialidade linguística oral ou escrita que porta propriedades estruturais específicas, norteadoras da produção de sentido que é construído dialogicamente na interação com atores sociais em suas relações com o contexto histórico, social e cognitivo.

Após o acima exposto e considerando o caráter elementar do hipertexto para a produção dos gêneros textuais no domínio virtual, podemos, então, observar que as condições de sua textualidade estabelecem uma redefinição na função dos elementos próprios do texto em meio impresso. Não se deve esquecer, contudo, que o hipertexto *é* texto; assim, a textualidade perdura como noção basilar em nossas relações com o textual seja em mídia impressa ou em meio digital.

Passemos, então, a tecer considerações sobre a natureza hipertextual dos textos eletrônicos apoiados nos trabalhos de três pesquisadores: Lévy, Koch e Xavier.

Um dos primeiros estudiosos da cibercultura, Pierre Lévy (1999) expõe que se tomarmos texto em sentido lato, numa visão semiótica em que sons e imagens também o constituem, hiperdocumentos também são passíveis de serem chamados de texto. Lévy procura definir hipertexto sob dois pontos de vista. O primeiro, de acordo com uma abordagem mais simples, se utiliza de sua estruturação em rede, não linear para opô-lo ao texto não virtual. No entanto, Lévy considera que textos tradicionais também têm características hipertextuais como quando se consultam sumários, por exemplo. Assim sendo, há que se considerar o suporte do hipertexto eletrônico como elemento fundamental na distinção entre um e outro tipo de texto, visto a rapidez e a facilidade de reorganização na produção de um texto com suporte digital. Dessa forma, “o hipertexto digital seria definido como informação multimodal disposta em uma rede de navegação rápida e ‘intuitiva’” (LÉVY, p.56, grifo do autor). O segundo enfoque aborda a questão da imbricação entre leitura e escrita no processo de produção e recepção do texto. Neste caso, hipertexto é “um espaço de percurso para leituras possíveis” (idem, p.57), autor e leitor produzem juntos; este, à medida que opta por um ou outro *link*; aquele, a partir da estruturação mesma do hipertexto, do traçado de seu percurso. O hipertexto torna virtual o texto, transforma toda leitura em potencial escrita (ibidem, p. 61).

Koch (2003), como Lévy, defende a proposição de que todo texto é um hipertexto na medida em que tem construção plurilinear, move-se em diversas direções na construção de

múltiplos sentidos. Ela menciona como exemplo os textos acadêmicos com suas citações, referências, notas. Argumenta, ainda, que a compreensão não ocorre de forma linear e sequencial. Para ela, o diferencial do hipertexto eletrônico estaria no suporte que possibilita agilizar o acesso textual. Koch chama a atenção para a natureza intertextual, polifônica e dialógica do hipertexto proporcionada pelos *hiperlinks*, dos quais destaca as funções dêitica, coesiva e cognitiva. Aos *links* dêíticos caberia focar a atenção do leitor para determinados conteúdos indicando caminhos, de forma a obtenção de uma leitura mais aprofundada. Sob a função coesiva, os *hiperlinks* serviriam como elementos de ligação, a fim de proporcionar a devida coerência e, assim, garantir a fluência da leitura e a compreensão textual sem maiores rupturas cognitivas. Do ângulo cognitivo, se poderia vê-los como encapsuladores de cargas de sentido, aptos a direcionar os leitores pelo acionamento de modelos cognitivos representados na memória. Sua grande inovação estaria na capacidade de redefinir “as funções dos constituintes textuais clássicos” (idem, p.67). Quanto à relação escritor/leitor, Koch defende uma coautoria, já que cabe ao leitor determinar a ordem da leitura que, necessariamente, não precisa corresponder àquela proposta pelo autor, o importante é que se perceba que

[...] o hipertexto não é feito para ser lido do começo ao fim, mas por meio de buscas, descobertas e escolhas, que irão levar à produção de UM sentido possível, entre muitos outros. Ou seja, no hipertexto a multiplicidade de leituras é condição mesma de sua existência: sua estrutura flexível e não-linear favorece buscas divergentes e o trilhar de caminhos diversos. (KOCH, 2007, p.28)

A concepção adotada por Xavier (2009, p.101) para texto considera-o como forma de cognição social, organizadora e constitutiva do conhecimento. Como os demais autores acima mencionados, Xavier ressalta que a quebra da linearidade pode ocorrer também em textos convencionais, entretanto, “a inovação trazida pelo texto eletrônico está em transformar a deslinearização, a ausência de um foco dominante de leitura, em princípio básico de sua construção” (XAVIER, 2005, p.175). O autor define o hipertexto como “[...] um dispositivo ‘textual’ digital semiolinguístico (dotado de elementos verbais, imagéticos e sonoros) *online*, isto é, indexado à Internet com um domínio URL¹⁵ ou endereço eletrônico localizável na World Wide Web. (idem, 2009, p.107. Grifo do autor)”. Destaca que, a despeito de todo texto poder ser um hipertexto, a proposição inversa nem sempre é possível, tendo em vista haver textos produzidos unicamente com as propriedades do hipertexto que só podem ser lidos *online*. Deste modo, um hipertexto que fosse impresso se descaracterizaria uma vez que se

¹⁵ URL (*Uniform Resource Locator*) é a sigla em inglês para *Localizador Padrão de Recursos*. Trata-se de endereço de um recurso (geralmente um arquivo), disponível na internet. Uma URL tem a seguinte estrutura: protocolo://máquina/caminho/recurso.

perderia sua qualidade multimodal. Para ele, há um grande impacto perceptual-cognitivo no processamento da leitura devido a essa fusão de linguagens, utilizadas simultaneamente. Em contrapartida, esse volume de informação é visto de forma construtiva, pois colabora para a melhoria da compreensão textual (idem, 2005, p.175). Mas, se o leitor é livre para escolher seu percurso pelos *links* – mesmo essa liberdade sendo limitada pelas escolhas do produtor do texto –, a leitura não linear pode acarretar uma visão fragmentada do todo. Portanto, existe

[...] a necessidade dos internautas reajustarem as suas estratégias de leitura em função das especificidades de formatação textual propostas pelo hipertexto, para só assim começarem a tirar proveitos dessa nova sistemática de organização e acesso à informação (idem, 2005, p.174).

Xavier chama a atenção, ainda, para o fenômeno da intertextualidade constitutiva do hipertexto propiciada pelos *links* que tecem a rede de sentidos possíveis. Ele considera o hipertexto como responsável por um novo modo de enunciação a que denomina de digital, advindo da intersecção de linguagens verbal, visual e sonora que se combinariam formando assim a linguagem digital. No dizer do pesquisador,

A digitalização da informação naturalmente descentraliza a escrita, enquanto tecnologia enunciativa dominante e pulveriza a significação no hipertexto pelos modos de enunciação que o constituem. Retira do verbal o predomínio do sentido e joga com outros modos enunciativos que funcionam “todos ao mesmo tempo agora”. (XAVIER, 2009, p.136. Destaque do autor).

A heterogeneidade dos modos de enunciação destituiria a primazia do modo verbal, todavia, mediante modelos mentais internalizados, bem como pelo fato do hipertexto derivar do e basear-se no texto, o leitor tende a privilegiar a linguagem verbal.

Com relação aos *links*, no trabalho de 2009, Xavier os define a partir de dois aspectos complementares. O primeiro apresenta o *link* como dispositivo técnico-informático que funciona como um vetor que leva e traz os dados através da *homepage* num encadeamento de “processo de auto e heteroreferenciação endo e exoforicamente” (XAVIER, p.193). O segundo mostra o *link* como mecanismo de referenciação digital de característica remissiva. Por fim, o autor salienta o princípio interativo que permeia os *links* atraindo o leitor, garantindo a participação interpessoal, estabelecendo relações dialógicas.

Pelo acima exposto, tomamos o hipertexto como uma forma de textualidade em que a deslinearização é traço constitutivo; os limites espaciais são voláteis, tênues; o *link* funciona como elo que constrói as ramificações de redes de informação e de intercomunicação conduzindo a uma gama de sentidos possíveis; textualidade cuja multissemiose de linguagens

proporciona diferentes modos de produção, distribuição e recepção do texto, interferindo em práticas sociais existentes, fazendo emergir outras tantas.

Frisamos que, embora o conceito de hipertexto preceda esse momento contemporâneo de predominância do digital, é nesse domínio que surgem funcionalidades (multimodalidade, rapidez na navegação, acessibilidade de informações periféricas, mescla das funções de leitura e de escrita) capazes de incrementar seu uso.

Antes de adentrarmos no estudo de gêneros textuais digitais específicos, cabe analisar ainda o suporte visto ser componente fundamental em sua constituição.

2.3. A QUESTÃO DO SUPORTE

Ao longo do tempo, os suportes da escrita têm passado por muitas transformações. Dos desenhos feitos nas paredes em cavernas a inscrições em utensílios domésticos, do papiro à prensa gutenberguiana, do livro à tela do computador ou do telefone celular conectado ou não à internet, o suporte interfere na constituição de gêneros textuais seja na produção de novos gêneros, seja proporcionando uma reelaboração de gêneros existentes. Muitas vezes, contudo, torna-se difícil estabelecer uma distinção entre ambos; o que faz com que não haja ainda um consenso das pesquisas na categorização de determinados suportes.

Um dos primeiros pesquisadores no Brasil a tratar da relação gênero/suporte de forma sistemática, Marcuschi (2003b, 2008) não acredita que o suporte seja determinante do gênero; embora admita a imprescindibilidade do suporte para a circulação social do gênero e que haja influência daquele sobre este, defende, sim, que alguns gêneros exijam um suporte específico. Um estudo sobre suporte viabilizaria, segundo o estudioso (MARCUSCHI, 2003b), a percepção de como ocorre a circulação social dos gêneros e de quão complexa ela é.

Marcuschi define suporte como “um *locus* físico ou virtual¹⁶ com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (IDEM, 2008, p.174). Salienta que possíveis confusões entre suporte, contexto, situação, canal ou a natureza dos serviços prestados¹⁷ devem ser desfeitas a despeito de o suporte funcionar por sua seletividade como uma espécie de contexto. Classifica-os como convencionais, previamente

¹⁶ O termo virtual é adotado aqui pelo autor como antônimo de material; nosso posicionamento sobre o assunto encontra-se detalhado no primeiro capítulo.

¹⁷ Marcuschi (2003b, p.6-7) conceitua serviço como “um aparato específico que permite a realização ou a veiculação de um gênero em algum suporte”; toma os correios e a internet como exemplos. O canal é o que conduz o gênero enquanto o suporte serve como base de fixação.

elaborados para funcionar como portadores de textos, e incidentais quando operam ocasionalmente como suporte.

No que se refere especificamente ao domínio virtual, o autor toma a internet como serviço em que são feitas remessas de informações eletrônicas juntamente com a elaboração de páginas pessoais ou institucionais, as *homepages*¹⁸, estas sim suportes dos gêneros. O *site* é tido como suporte que comporta outros suportes. Já o *e-mail*¹⁹ enquanto correio eletrônico é caracterizado como serviço, porém se tomado como carta pessoal funciona como gênero. Lembra-nos que o hipertexto deve ser tratado como um modo de produção textual extensiva a todos os gêneros.

Já Xavier (2009, p.89) defende que a escrita e seus suportes são interface um do outro devido a seu alto grau de vinculação. Comunga da posição de Chartier (1998, p.71) quando este alega que “a obra não é jamais a mesma quando inscrita em formas distintas, ela carrega, a cada vez, um outro significado”. Xavier (2009) vê a tela do computador como o suporte para o hipertexto, uma vez que este, para ele, é um modo de enunciação digital que só se realiza quando se encontra *online*.

Embora haja diferença de posicionamento entre os autores estudados, podemos perceber que o suporte em ambiente virtual é elemento imprescindível para a constituição do gênero. Os aparatos tecnológicos desenvolvidos no campo da informática permitem a manipulação do texto de forma única, possível somente nesse meio e, como já foi dito antes, a introdução dessa técnica colabora para que modelos mentais responsáveis pela produção e recepção do texto sejam reorganizados de forma a ressignificar nossas relações com o tempo e o espaço e, assim, adaptar nossos modos de produzir e de ler textos no domínio digital.

Após essas considerações, podemos, então, na seção seguinte, nos concentrar em dois dentre os muitos gêneros próprios ao âmbito virtual – *blog* e *microblog* –, a fim de observar o processo de constituição genérica neste campo específico.

2.4. BLOG - CARACTERIZAÇÃO

Por acreditarmos que os gêneros textuais digitais não são criações que desconsideram gêneros usados fora do ambiente virtual, por considerarmos que gêneros são compostos num

¹⁸ *Homepage* é a página de abertura de um *site* que, por sua vez, é o lugar na Internet constituído por uma ou mais páginas de hipertexto e identificado por um *nome de domínio*.

¹⁹ *Email* é termo inglês feito da junção de *eletronic* (eletrônico) com *mail* (correio).

processo dialógico entre gêneros situados historicamente, reformulando características a fim de atender a necessidades de uso que vão surgindo, não vamos aqui tomar isoladamente o *microblog*, mas sim em sua filiação com outros gêneros. Assumiremos aqui ser o *microblog* um gênero advindo do *blog*, este, por sua vez, baseado em gêneros “tradicionais” adaptados às imposições do meio digital. Para fundamentar essa asserção, traçaremos um breve histórico do surgimento do *blog* e buscaremos uma conceituação para em seguida tratar do *microblog*.

Termo inglês, traduzido por uns como arquivo na rede, por outros como diário virtual, diário eletrônico ou ainda diário de bordo, *weblog* – contração de *web log* – é denominação primeira de página eletrônica originalmente feita para funcionar como lista de *links* para acessar outras páginas da *web*. O *blog* assemelha-se ao *site*, mas, ao contrário deste, não exige conhecimentos específicos da linguagem de programação para ser editado, o que colabora para que seja atualizado frequentemente. Com textos em geral pequenos, *é*, em boa parte dos casos, gratuito. Facilidade para criação, atualização e manutenção dos textos constituem atributos essenciais para o sucesso e a difusão dessa chamada ferramenta de autoexpressão (KOMESU, 2005a, p. 111).

Curiosamente, num tempo em que abundam os registros escritos, a história dos *weblogs* está envolta em imprecisões. Hewitt (2007) menciona como possível criador do termo Jorn Barger que o utilizou pela primeira vez, em dezembro de 1997, no *site RobotWisdom*. A Wikipédia²⁰ credita a abreviação, hoje popularizada, *blog* a Peter Merholz, que “desmembrou a palavra *weblog* para formar a frase *we blog* (“nós blogamos”) na barra lateral de seu blog *Peterme.com*, em abril ou maio de 1999”. Komesu (2005a, 2005b), no entanto, atribui o surgimento dos *blogs* a Evan Williams, em agosto de 1999, que cunhou o termo aliado à utilização do *software Blogger*²¹, serviço para criação e manutenção de *blogs* da empresa *Pyra Labs*. Em França (2008), encontramos ainda mais duas possibilidades com datas anteriores às acima mencionadas: em 1991, Tim Berners Lee teria sido o primeiro blogueiro com a publicação de um *blog* em forma de *site* e, em 1996, Dave Winer seria o pioneiro por ter disponibilizado parte de seu *site 24 hours of Democracy* para a utilização como *weblog*.

Vários *softwares* para publicação de textos *online* precederam o formato *weblog*, entretanto quando o *Pyra Labs* introduziu, no *Blogger*, o *permalink* (mecanismo que

²⁰ Enciclopédia *online* aberta, cujos textos podem ser enviados por qualquer colaborador. Disponível em <<http://wikipedia.org>>.

²¹ www.blogger.com

possibilita a cada *post* um endereço permanente de forma a facilitar sua referência), isso proporcionou a ampliação do alcance do conceito de *blog*.

De fácil atualização, as postagens ou *posts*, como são chamadas as entradas de textos feitas nos *blogs*, são dispostas geralmente em ordem cronológica de forma a privilegiar postagens mais recentes, embora o usuário possa optar por inverter essa ordem. A página, que pode ser escrita por uma ou várias pessoas, compõe-se de vários *gadgets*²² em que o blogueiro (como é chamado o escrevente de *blogs*) pode agregar textos, imagens – desenhos, fotos, animações, ilustrações, *gifs*²³ -, músicas. Costuma apresentar *links* para *posts* de temática similar ou complementar em outros *blogs*; data e horário da postagem podem situar-se tanto no início quanto no final do texto; obrigatoriamente apresenta título e nome do escrevente, além de um espaço para comentários, molas mestras do dinamismo e da interação no meio, que findam por formar o que Recuero (2003) denomina *webrings*:

[...] círculos de blogueiros que lêem seus *blogs* mutuamente e interagem nestes *blogs* através de ferramentas de comentários. Os *blogs* são linkados uns nos outros e formam um anel de interação diária, através da leitura e do comentário dos posts entre os vários indivíduos, que chegam a comentar os comentários uns dos outros ou mesmo deixar recados para terceiros nos *blogs*. [...] (p.7)

Ainda que esses elementos sejam regularidades constitutivas do *blog* enquanto gênero, uma vez que já fazem parte do programa fornecido pelo provedor, existe, com algum conhecimento de HTML²⁴, a possibilidade de reformular a formatação original, alterando assim a construção composicional do texto.

Quanto ao conteúdo, é possível encontrar um leque diversificado de temas: há *blogs* que versam sobre questões íntimas, há os que tratam de política, de educação, os sobre culinária, veterinária, jornalismo, moda, etc. Em pesquisa de 2006, França (2008) encontrou dentre os temas mais frequentemente usados pelos blogueiros brasileiros música, arte, cultura e sexo.

O uso como diário pessoal foi amplamente difundido, a ponto de bom número dos estudos iniciais sobre *blog* assim defini-lo (AMARAL et al., 2009). De acordo com Primo, para quem essa conceituação como diário virtual ou página pessoal é reducionismo, “a principal distinção entre diários e *blogs* os opõem de maneira inconciliável. Diários pessoais

²² Trata-se de ferramenta, módulo ou serviço passível de ser adicionado a um ambiente maior.

²³ Arquivos leves amplamente usados na rede para formatação de imagens fixas e pequenas animações.

²⁴ Linguagem para criação de programas que trabalham com textos e imagens simultaneamente numa mesma tela.

se voltam para o intrapessoal, tem como destinatário o próprio autor. *Blogs*, por outro lado, visam o interpessoal, o grupal” (2008 p. 122). Colocação reforçada por Mortensen & Walker quando afirmam que

Um weblog é sempre para o autor e para seus leitores. Se fosse somente para o autor, um diário privado seria mais útil. Se fosse só para os leitores, e não uma ferramenta de autoexpressão, uma forma de publicação mais polida e bem acabada seria provavelmente mais apropriada. (2002, p.256)²⁵

Blogs atendem diretamente às práticas sociais estabelecidas na contemporaneidade em que o público e o privado se misturam, em que interesses antes particulares são divulgados publicamente, seja num *reality show* televisivo, seja na exposição de fotos em redes sociais, seja num vídeo no *YouTube* ou em *posts* num *blog*. Esse anseio atual por visibilidade encontrou na *web* um veículo profícuo. Os *blogs* com postagens de cunho pessoal se proliferaram e abriram passagem para que novas funcionalidades se firmassem. Não se pode ignorar sua importância para o jornalismo alternativo, ou a utilização comercial que abrange diversos ramos empresariais, o leque de utilizações é por demais amplo para ser minimizado tratando *weblogs* apenas como diários virtuais.

2.5. TWITTER - A EMERGÊNCIA DE UM NOVO GÊNERO

Com o que chamamos aqui de *a institucionalização dos blogs* (em que a crescente popularização levou a sua adoção por empresas e sua produção tornou-se fonte de renda para muitos blogueiros, hoje, profissionais), houve se não uma estabilização na criação de novos *blogs* ao menos uma diminuição de prestígio (TRÄSEL, 2009) que deu margem à emergência de novos gêneros calcados no mesmo princípio: os *fotologs* ou *flogs* comportam exclusivamente fotos; os *vlogs* (*videologs*) fazem postagens de vídeos; os *microblogs* com textos de número de caracteres limitado que permitem atualização frequente.

No que concerne especificamente ao *microblog*, constam registros do termo desde 2002 (ZAGO, 2008, p.6). A Wikipédia americana²⁶ indica o aparecimento de *microblogs* desde abril de 2005 chamados, entretanto, de *tumblelogs*, o que faria do *Tumblr*²⁷ o primeiro serviço de *microblog* (IDEM, 2008, p.12). Mas é em 2006 que se dá efetivamente seu

²⁵ Tradução nossa para “A weblog is always both for oneself and for one's readers. If it were only for oneself, a private diary would be more useful. If it were only for readers, and not a tool for oneself, a more polished and finished form of publication would probably be more appropriate.”

²⁶ <http://en.wikipedia.org/wiki/Micro-blogging>

²⁷ <http://www.tumblr.com>

lançamento com a implantação de serviços como o Jaiku e o *Twitter*²⁸. Um prêmio recebido pela equipe do *Twitter* em março de 2007 alavancou sua popularidade colaborando para o aparecimento de novos serviços como *Plurk*, *Pownce* e, no Brasil, *Telog* e *Gozub*²⁹.

Esses serviços possuem estrutura similar; tomaremos, então, o mais usado – *Twitter* –, como objeto de estudo.

As postagens no *Twitter* limitam-se a 140 caracteres. Essa restrição deveu-se à função e ao meio para o qual foi criado: a fim de funcionar como forma de comunicação rápida entre funcionários de uma mesma empresa e poder ser usado através de dispositivos móveis, sobretudo por telefone celular. Baseado no princípio das redes sociais, onde as pessoas adicionam ou seguem umas as outras, tuiteiros são *follower*, o seguidor, e *followees*, os que são seguidos. Com a finalidade de driblar as limitações de espaço dos *tweets* – as postagens – os próprios usuários agregaram elementos para melhoria do serviço: *links* direcionam os seguidores para textos, imagens ou músicas complementares da informação inicial. Outras duas funcionalidades acrescentadas pelos internautas para incrementar e organizar o processo comunicativo são a introdução de @ antes do nome da pessoa para quem se dirige a mensagem e as *hashtags*, palavras-chave precedidas de # e também *links* para outros *tweets* com assunto similar. As *hashtags*

permitem transpor a limitação da postagem, porque trazem uma série de significados condensados que precisam de um conhecimento que ultrapassa a postagem e, por isso, podem ser usadas para subsumir muitas informações já compartilhadas pelos outros usuários da hashtag, reservando maior espaço na postagem para o acréscimo de informações novas (CASTRO & ALEXANDRE, 2010, p. 11).

As mais comentadas passam a fazer parte de uma lista chamada de *trending topics* (TT). Estar no TT é um indício de popularidade para o tuiteiro, significa que seus *tweets* foram repassados (*retweet* ou RT) mesmo por internautas que não o seguem, mas que podem passar a fazê-lo. Outra forma de manter a interação é através das *replies*, respostas dadas diretamente ao emissor; estas podem estar visíveis para todos ou apenas para os dois envolvidos no processo comunicativo desde que se acrescente um D, de *direct message*, antes do nome de quem vai receber o *tweet*; para que o processo se efetive, os envolvidos devem seguir um ao outro.

²⁸ Respectivamente [HTTP://www.jaiku.com](http://www.jaiku.com) e [HTTP://twitter.com](http://twitter.com) .

²⁹<http://www.plurk.com>, <http://www.pownce.com>, <http://www.telog.com.br>, <http://www.gozub.com.br>, respectivamente.

Produtos e serviços em TI sofrem constantes atualizações, assim, no decorrer desta pesquisa o serviço do *Twitter* passou a ser oferecido também em Português do Brasil. Sua interface agregou funcionalidades (conforme figura 1): botões³⁰ que permitem expandir a informação na própria página do serviço foram adicionados para a introdução de fotos, vídeos e/ou informações multimídia advindas de *blogs*. Essa atualização introduziu no *microblog* característica própria dos textos em âmbito digital – a multimodalidade –, bem como ampliou a conversa³¹ com outros gêneros textuais devido às possibilidades de compartilhamento. Outro botão – *favorito* – possibilita marcar uma postagem como favorita e salvá-la em outra página para qual o *link* direciona. Numa barra superior do lado esquerdo, botão denominado *#descobrir* leva o internauta para uma página com mais *links: histórias*, que sugere *tweets* cujos assuntos possam interessar o leitor; *atividades*, que reúne informações sobre quem é seguido³²; *quem seguir*, sugestão de possíveis pessoas a serem seguidas feita a partir do perfil do usuário; *encontrar amigos* – um botão de busca -; *navegar por categorias*, que seleciona sugestões de quem seguir divididas em categorias. Na mesma barra superior, encontra-se ainda o botão *@conectar* que direciona para os *links interações* – seleção de postagens em que o tuiteiro e seus seguidores interagem - e *menções* em que se situam os *posts* nos quais o internauta é citado. Todos esses implementos colaboram para aproximar o formato do *Twitter* ao das redes sociais. Na verdade, essa é uma tendência dos serviços em mídia digital, agregar e/ou adaptar características que se tornaram populares em serviços concorrentes; assim, as estruturas dos gêneros que se formam no domínio virtual vão se reordenando³³.

Em relação ao uso, pesquisa feita por Java et al. (2007) mostra que os usuários de *microblogs* tratam em seus *tweets* principalmente de assuntos do cotidiano, além de buscar e/ou partilhar informações, sobretudo pelos *links* adicionados às postagens. Como gênero em formação, o *microblog* vem sofrendo alterações ao longo do tempo, haja vista substituições feitas na frase de abertura do *Twitter* que tem mudado a fim de se adequar às práticas de uso dos internautas (Figura 2). Dessa forma, a frase inicial de 2006 *What are you doing?* ,

³⁰ Trata-se de *links* para redirecionamento do usuário para seções específicas.

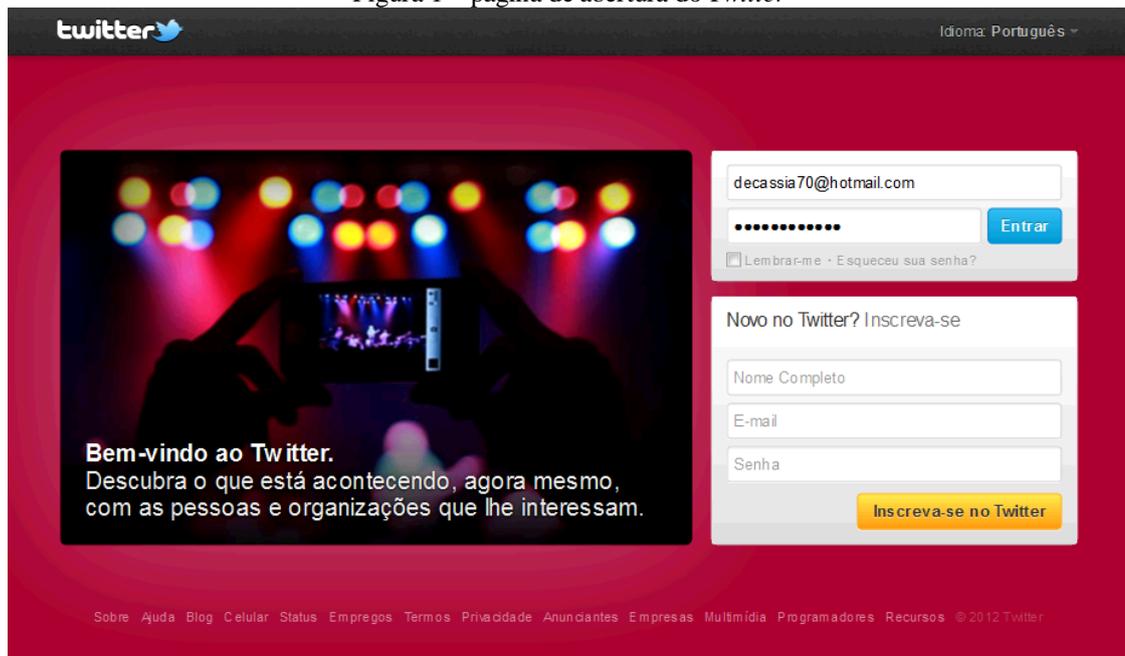
³¹ O termo “conversa” é utilizado aqui em conformidade com uso corrente na internet, denotando a interatividade, a possibilidade de conexão imediata com outras fontes de informação. O procedimento dá-se interligando gêneros textuais ou, ainda, conectando mídias diferentes como, por exemplo, um computador a um *pendrive* ou a uma TV.

³² As informações referem-se a *tweets* “favoritados” ou pessoas ou instituições que passaram a ser seguidas por quem já é seguido pelo usuário.

³³ A adoção de funcionalidades que se tornaram muito utilizadas atende diretamente a uma demanda por agregar um número maior de usuários e, assim, galgar o topo na preferência do internauta, o que, conseqüentemente, gera lucros ao provedor do serviço. Nessa direção, caminha, por exemplo, o *Google* que, após perda considerável de prestígio da sua rede social *Orkut*, criou o *Google+* baseado no formato do *Facebook* – concorrente que assumiu a liderança.

representativa das expectativas iniciais para o *microblog* de meio para divulgação de atividades pessoais passou para *What's happening now?*, na medida em que usuários começaram a postar informações sobre acontecimentos mais abrangentes, além de suas opiniões sobre notícias em destaque no Brasil e no mundo. Essa mudança de 2009 deu lugar a *Follow your interests*³⁴, frase que denota que houve uma ampliação da utilização inicialmente pensada de espécie de diário pessoal para fonte de informação, meio para divulgação de eventos, canal de *marketing* entre outros usos que o tuiteiro possa criar para o *microblog*. No momento em que finalizamos esta pesquisa (junho de 2012), a página de abertura do *Twitter* (figura 1) apresenta, já em português, a seguinte frase sintetizadora das várias possibilidades de uso do *microblog*: “Descubra o que está acontecendo, agora mesmo, com as pessoas e organizações que lhe interessam”.

Figura 1 – página de abertura do *Twitter*



Fonte – internet.

Há internautas que formam uma vasta rede social a sua volta, mas apesar do grande número de seguidores e de usuários seguidos por alguns tuiteiros, Huberman et al.(2008) alegam que o fluxo de interação restringe-se a poucas pessoas dentro do grupo. Chegam a mencionar duas redes, a densa rede dos *followers* e *followees*, e a outra de menor densidade onde internautas realmente interagem trocando mensagens.

³⁴ A tradução das frases é, respectivamente, ‘o que você está fazendo?’, ‘o que está acontecendo agora?’ e ‘siga seus interesses.’

Quanto à linguagem, as mudanças trazidas pelas TIC não chegam a atingir a estrutura da língua, mas, sim, o uso (MARCUSCHI, 2005, p.66); à proporção que novas tecnologias advêm, alteram-se esquemas cognitivos de produção e recepção de textos, surgem novas formas de textualização (COSCARELLI, 2006). O que fica claro é que, para o desenvolvimento do processo comunicativo, os usuários encontram modos de transpor as restrições de espaço impostas pela limitação de caracteres. Abreviações, *links* e até um serviço produzido especificamente para encurtar URLs, os endereços eletrônicos, denotam que as necessidades de uso colaboram para a reacomodação das características estruturais do gênero; a língua, entretanto, sob a ótica estrutural, mantém-se.

Magda Soares (2002) menciona a possibilidade de um letramento digital uma vez que as alterações no processo cognitivo envolvido na produção e na leitura de hipertextos condicionadas pelas tecnologias digitais têm consequências não apenas cognitivas, mas também sociais e discursivas. Se tomarmos, como a pesquisadora, “letramento como sendo [...] o estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação [...]” (SOARES, 2002, p.145), poderemos perceber que as mudanças envolvem não estruturas linguísticas, e sim, reordenação do estado de interação nos grupos sociais, de suas práticas. Dito de outro modo, alteram-se funcionalidades linguísticas, usos condicionados pelo meio virtual que concorrem para transformações em gêneros consolidados.

No que concerne a um conceito e à familiaridade com outros gêneros textuais, encontramos muita divergência entre autores. Costa & Lira Silva (2010, p.5) consideram o *microblog* uma evolução dos bilhetes; indicam como similaridade o fato de conter textos curtos e de haver indicação do destinatário da mensagem. Orhiuela (2007, p.2) vê na junção de pequenas postagens e do grupo que se forma em torno do internauta uma mescla entre *blog* e rede social. Há aqueles que o aproximam ao MSN (SPYER et ali, 2009, p.8) pela rapidez com que as mensagens se propagam a ponto de possibilitar uma comunicação sincrônica. Outros fazem analogia com os espaços reservados por redes sociais para atualização de *status* (*status update*) como é o caso dos *scraps* no Orkut; ou denominam de formato ou ferramenta para publicação na WEB (ZAGO, 2008). Alguns autores tomam o serviço que possibilita a produção como o próprio gênero textual. Percebe-se aí a dificuldade de definir o *microblog*.

Assumimos, neste trabalho, a vinculação do *microblog* ao *blog*, para isso lembramos, conforme dito anteriormente, que os primeiros *blogs* constavam de listas de *links* direcionadores num momento em que ainda se carecia de uma organização maior nos mecanismos de busca. Muitos *links*, por vezes acompanhados de pequenos comentários sobre o assunto do *site*, eram dispostos na mesma página por questões de limitação técnica, dessa forma as datas eram elementos fundamentais para a ordenação do espaço. As figuras 2 e 3 são exemplo de *post* de um dos primeiros *blogs* segundo Hewitt (2007), o *RobotWisdom.com*.

Figura 2 - Post do blog *RobotWisdom*.

[\[Next: Jan 1998\]](#)

Robot Wisdom WebLog for December 1997

Mon, Dec 29, 1997 (New Moon)

This Day in Joyce History

On this date in 1891, Dante Riordan left the Joyce household after the Xmas fight depicted in *Portrait*. In 1893 the fictional Rudy Bloom was born. In 1916, *Portrait* was published by Huebsch. In 1931, John S. Joyce died. In 1953 John Kidd was born.

Two of the most readable computer journalists-- John Dvorak and Jerry Pournelle-- are about to launch a Siskel/Ebert-style weekly debate site, using 'wallet' technology to charge a **dime a week**. You'll be able to buy small amounts of 'scrip' via a 900 number, which sounds smooth enough that I'll probably give it a try. (Dvorak I usually agree with, while Pournelle is a sort of morbidly fascinating Martha-Stewart extreme-hardware spectator-spectacle.) See the announcement in Pournelle's latest Byte column: <http://bvtc.com/art/9801/sec13/art2.htm>



Gorillas make gorgeous **representational** art! <http://www.gorilla.org/Art/>

Email from Frankie? TV.Com claims Frank Sinatra will sometimes answer friendly email. The Sinatra Family site is endearingly naïf: <http://www.sinatrafamily.com/>

A couple of x-rated essays at Salon:

Susie Bright's very sweet appreciation of the Pam Anderson/ Tommy Lee bootleg sex video: <http://www.salonmagazine.com/ent/movies/1997/12/05pamela.html>

And an intelligent look at recent evolutions in the economics of online-porn: http://www.salonmagazine.com/21stfeature/1997/12/cov_01feature.html

And another, about the legal 'solution' to sexplay between teen brothers: <http://www.salonmagazine.com/feb97/molested970228.html> :

I write to a friend with several children: "If this ever happens in your family, don't tell anyone, don't tell a teacher or a nurse or a counselor. Don't let them into your house. You can handle it alone, as we could have -- but we can't handle this."

Fonte – Internet.

Figura 3 - Postagens em diferentes datas na mesma página eletrônica.

Fri, Dec 26, 1997

Custom spy pix from \$300: <http://www.digitalglobe.com/company/company.html>

WASHINGTON (Reuters) - With the launching of the world's first **commercial spy-like satellite**, just about anybody with a credit card may soon enjoy an eye in the sky.

EarlyBird 1 was designed to pick out features on the ground as small as 10 feet across from its orbit 295 miles above the earth.

It was successfully launched Wednesday atop a Russian rocket by its builder, EarthWatch Inc., of Longmont, Colo.

Cool new squat!

WASHINGTON (AFP) - Actor Paul Newman is putting profits from his Newman's Own food products to a good cause by donating half a million dollars to a **fund to buy up land** around his Westport, Connecticut, home to keep it from becoming golf courses and luxury condos.

"I think the developers are being very shortsighted. Fifty years from now, the people who worked to save this land will be remembered as heroes," Newman said.

Newman and other preservationists hope to buy the threatened land in nearby Easton, Connecticut, for 10 million dollars.

Found more Candi: Tripod.com seems to have great content, but execrable design. Not only does the content get squeezed into a tiny corner of the screen, but your favorite author's essays may be hidden anywhere on the site, with no author index that I can find. So here's one more (belated) piece by Candi Strecker, on **the trials of motherhood**: <http://www.tripod.com/women/feature/columns/motherhood/970827strecker.html>

Thu, Dec 25, 1997

YAY! One of my favorite culture critics-- Candi Strecker-- has found a niche on the Web, at Tripod. Here's her piece on 'career contrarians' who **value their time** more than money: <http://www.tripod.com/work/columns/strecker/970421.html>

And another on Martha Stewart as a spectator sport, **extreme homemaking**: <http://www.tripod.com/women/feature/columns/970410martha.html>

A year from now, the big movie buzz is going to be about Kubrick's "Eyes Wide Shut", which looks to be **big budget porn** with Nicole Kidman and Tom Cruise. Gossip page: <http://www.corona.bc.ca/films/details/eyeswideshut.html>

Junk reading list: Carl Hiaasen's "Lucky You" and "Stormy Weather" are poorman's Elmore Leonard ripoffs (gritty and witty crime fiction), pleasant enough on a slow day.

One of my very favorite singers, **Mary Coughlan**, a smoky Irish blues singer, formerly very obscure, now has a harrowing biographical sketch online at

Fonte – Internet.

Como nos *blogs* pioneiros, a página inicial do *Twitter* (figuras 4 e 5) é composta por pequenas postagens datadas feitas pelo tuiteiro; muitas vezes, *links* são adicionados para complementar o assunto da mensagem. Conforme descrito acima, hoje os *links* constituem elementos fundamentais na estruturação de um *microblog* tal como o eram com os *blogs* iniciais. Mas não é só. *Blogs* e *microblogs* aparentam-se, também, por sua funcionalidade como ferramentas de auto-expressão escrita que permitem ampla visibilidade ao escrevente e a possibilidade de uma interação mais ágil. Ainda que sejam veiculadas apenas informações de interesse geral e não particularidades do usuário, as postagens contribuem para a construção da imagem do blogueiro/microblogueiro ou da instituição representada pelo *blog*, impulsionando sua visibilidade de acordo com maior ou menor *status* conferidos aos *tweets* e *posts*. Não queremos, com isso, corroborar uma posição que tome como evidência o funcionamento de *blogs* e *microblogs* como alavancadores de uma liberdade de expressão irrestrita, como fomentadores de uma visibilidade incondicional. *Twitter* e *blogs* têm **potencialmente** esse poder, no entanto, coerções impostas socialmente limitam essas funcionalidades por mais que se internalize uma ideia contrária.

Figura 4 - Página da Assessoria de comunicação da Universidade Federal de Sergipe em 24 de maio de 2011.

The image shows a screenshot of the Twitter profile page for Ascom UFS (@AscomUFS) as of May 24, 2011. The page layout includes a header with the Twitter logo, a search bar, and a 'Sign in' link. The main content area features the profile header for Ascom UFS, which includes the logo, the name 'Ascom UFS', the handle '@AscomUFS', and the location 'Brasil - Sergipe - Aracaju'. Below the header, there are three tweets from Ascom UFS, each with a date and a link to a website. The right sidebar contains a 'Follow Ascom UFS on Twitter' button, a 'Sign up & follow Ascom UFS' button, and a 'Discover who @AscomUFS follows' button. At the bottom of the sidebar, there are statistics for the profile: 935 Tweets, 36 Following, 2,725 Followers, and 58 Listed. The footer of the page includes links for 'About', 'Help', 'Blog', 'Mobile', 'Status', 'Jobs', 'Terms', 'Privacy', 'Advertisers', 'Businesses', 'Media', 'Developers', and 'Resources', along with the copyright notice '© 2011 Twitter'.

Fonte – Internet.

Figura 5 - Página da Assessoria de comunicação da Universidade Federal de Sergipe em 13 de junho de 2012.



Fonte – Internet.

Aos que aproximam os *microblogs* de bilhetes, SMS ou MSN, trazemos o argumento de que, embora estes sejam compostos por textos curtos, têm alcance sempre limitado a apenas uma pessoa ou a pequeno grupo fechado. Com *blogs* e *microblogs*, as mensagens podem ser vistas por qualquer um que tenha disponibilidade de acesso à internet de forma a atender a práticas sociais contemporâneas em que o anseio por visibilidade é uma constante.

Tomar o *microblog* como um gênero textual em âmbito digital nos parece, então, adequado, dadas suas características como construtos sociais que sofrem influência cultural e histórica e vinculam-se a práticas sociais do cotidiano para atender aos propósitos de determinadas situações comunicativas. Os traços formais típicos do *microblog* carecem do suporte da internet para se realizar; contudo, mesmo que sua estrutura ainda esteja em formulação, isso denota a maleabilidade própria de todo gênero, além de nos remeter, mais uma vez, à contemporaneidade, especificamente ao domínio virtual onde é cada vez mais frequente a construção colaborativa, tome-se como exemplo a elaboração de livros divulgados apenas *online* e que se constituem em obras abertas, passíveis de atualização a qualquer momento por qualquer pessoa.

No próximo capítulo, discorreremos sobre a Análise Crítica do Discurso com o intuito de melhor embasar teoricamente nossas proposições acerca do *microblog*.

3. SOBRE A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Herdeira da Linguística Crítica cujo maior expoente é Roger Fowler³⁵, a Análise Crítica do Discurso ou simplesmente ACD transcende aquela por não ater-se a um grupo limitado de textos, mas sim constituir “o estudo da linguagem como prática social, com vistas à investigação de transformações na vida social contemporânea (MAGALHÃES, 2005, p.3)”. De caráter transdisciplinar, a ACD intenta uma investigação analítico-discursiva sobre estruturas de poder e controle que manifestamente baseiem e legitimem modos de desigualdade social expressos pelo uso da linguagem.

De acordo com Pedrosa (2008, p.118), pode-se igualmente referir à ACD “como teoria, método ou perspectiva teórica”, devido aos vários enfoques seguidos por analistas do discurso. Para van Dijk (2008a, p.114), a ACD tem como objeto “[...] um ‘modo’ ou uma ‘perspectiva’ diferente de teorização, análise e aplicação ao longo de todos os campos”.

Essa gama de enquadres teóricos confere à ACD traço de heterogeneidade já observado desde sua constituição da qual participaram estudiosos de diferentes localidades e com diferentes propostas de estudo a despeito dos pontos comuns em torno dos quais se juntaram para um simpósio em Amsterdã. Teóricos de significação crucial para o estudo da Análise Crítica do Discurso, Ruth Wodak, Norman Fairclough, Teun van Dijk, Gunther Kress, Theo van Leeuwen debateram sobre teorias e métodos de análise de discurso por dois dias, em janeiro de 1991.

No entanto, já em anos anteriores, foram lançados trabalhos importantes na formação desse novo campo: em 1984, o livro de van Dijk sobre racismo *Prejudice in Discourse*; em 1989, os livros *Language and Power*, de Fairclough e *Language, Power and Ideology*, de Wodak; em 1990, a revista *Discourse and Society* por van Dijk (WODAK, 2004, p.227).

O trabalho em ACD exige uma postura dialógica com relação a outras disciplinas e teorias focadas em processos de mudança social, posição que ultrapassa a interdisciplinaridade, alcançando um caráter transdisciplinar no dizer de Fairclough (s.d. a, p.1) para quem essa postura

³⁵ A expressão “linguística crítica” aparece pela primeira vez no livro *Language and control*, de 1979. Trata-se de texto de um grupo de pesquisadores da Universidade de *East Anglia* do qual faziam parte Fowler e Kress entre outros. A Linguística Crítica intenta analisar a interação prática da linguagem com o contexto; tem caráter instrumental na medida em que busca correlacionar estrutura linguística e estrutura social. Para uma visão mais detalhada, ver FOWLER (2004).

[...] implica que o desenvolvimento teórico e metodológico (inclusive neste último o desenvolvimento de métodos de análise) de ACD é constituído através do diálogo com outras disciplinas/teorias; uma forma de trabalhar com (e não apenas apropriar-se de) ‘lógica’ e categorias do outro e assim desenvolver teoria e metodologia próprios.³⁶

Dito de outro modo, o trabalho transdisciplinar em ACD envolve relações específicas entre conceitos, categorias, estruturas e abordagens em cada disciplina envolvida (FAIRCLOUGH, s.d. b, p. 2).

Os métodos utilizados para análise tanto podem ter cunho qualitativo quanto quantitativo, podem partir da observação ou da descrição. Em outras palavras, a abordagem deve adequar-se ao objeto de investigação, aos dados coletados, ao contexto de pesquisa, enfim; sem desconsiderar que pesquisas em ACD buscam “contribuir para a apoderação social de grupos dominados” (VAN DIJK, 2008b, p.13).

É importante também considerar relações entre as estruturas social e discursiva e a maneira como as estruturas discursivas variam ou sofrem influência da estrutura social. Com Wodak, consideramos que

[...] a LC e a ACD tentam evitar estabelecer uma relação simplista de determinação entre os textos e o social. Levando em conta as premissas de que o discurso é estruturado pela dominação; que cada discurso é historicamente produzido e interpretado, isto é, está situado no tempo e no espaço; e que as estruturas de dominação são legitimadas pelas ideologias dos grupos que detém o poder [...] (WODAK, 2004, p.226).

Fairclough acrescenta tratar-se de uma abordagem que

[...] atenta não apenas para estruturas sociais abstratas como também para eventos sociais concretos como parte da realidade social, mantém uma visão dialética da relação entre estrutura e agência e entre discurso e outros elementos ou ‘momentos’ de práticas e eventos sociais³⁷ [...] (s.d. a, p.1-2; destaque do autor).³⁸

Pode-se, assim, observar que os estudos em ACD envolvem a concepção de linguagem e de discurso enquanto práticas sociais inseridas na estrutura social e situadas histórica e espacialmente. Discurso e sociedade, melhor, estruturas discursivas e estruturas sociais se

³⁶ Tradução nossa para “‘Transdisciplinary’ [...] implies that the theoretical and methodological development (the latter including development of methods of analysis) of CDA and the disciplines/theories it is in dialogue with is informed through that dialogue, a matter of working with (though not at all simply appropriating) the ‘logic’ and categories of the other in developing one’s own theory and methodology [...].”

³⁷ O autor usa a expressão ‘práticas sociais’ para conceituar formas de atividade social estáveis, de certa duração; para ele as práticas sociais são categorias mediadoras das quais dependem as relações entre estrutura e eventos sociais e que articuladas constituem campos sociais, instituições e organizações. (FAIRCLOUGH, s.d. a, p.1)

³⁸ Livre tradução nossa para “Theoretically, this approach is characterized by a realist social ontology (which regards both abstract social structures and concrete social events as parts of social reality, a dialectical view of the relationship between structure and agency, and of the relationship between discourse and other elements or ‘moments’ of social practices and social events [...]).”

relacionam; influenciam e sofrem influência mutuamente. Os estudos discursivos de problemas sociais em ACD assumem, dessa forma, uma postura isenta de neutralidade, crítica e socialmente comprometida, capaz de colaborar para a desnaturalização de discursos tornados em senso comum e que contribuem para a reprodução de interesses dos grupos dominantes.

3.1. A VERTENTE DE VAN DIJK

A especificidade da linha teórica trilhada por van Dijk está em seu caráter sociocognitivo. Em seu esquema teórico, além das dimensões histórica e cultural, é preciso fundamentar as pesquisas no “triângulo discurso-cognição-sociedade” (VAN DIJK, 2008b, p.26) sem os quais qualquer estudo em ACD se revelaria insuficiente. Para o pesquisador, o controle social é aplicável não só ao discurso enquanto prática social, mas também às mentes das pessoas que são controladas quando são influenciados modelos mentais responsáveis por seus conhecimentos, suas crenças, suas opiniões, suas atitudes, seus valores, suas ideologias, ou seja, quando geram mudanças de mentalidade. Trata-se de um controle indireto que, no entanto, atinge as ações dos indivíduos, sejam elas discursivas ou não. Van Dijk vê a cognição, seja ela pessoal ou social, como mediadora entre as situações sociais e o discurso.

Processos de influência discursiva sobre a mente podem tomar a forma de aprendizagem, de manipulação, de persuasão ou de doutrinação a fim de atender à reprodução dos interesses do poder dominante sem a mínima necessidade de qualquer ato coercitivo (característica, a propósito, que serve plenamente a interesses de dominação contemporâneos em que paira, respaldada pelos avanços tecnológicos, uma constante e crescente ilusão de plenitude quanto a ideais de liberdade irrestrita de expressão, bem como quanto à diversidade de informação). Tais processos, cruciais para o controle dos modelos mentais, materializam-se em discursos balizados por fontes autorizadas; na obrigatoriedade na recepção de um discurso; na ausência de fontes alternativas de informações ou, ainda, na carência pessoal de crenças ou conhecimentos necessários ao questionamento de determinado fato.

O estudioso salienta que pesquisas em ACD devem fazer um elo entre os enfoques micro e macro da ordem social. Embora destaque também a artificialidade dessa divisão por se tratar de um construto sociológico; de fato, no cotidiano, uso da linguagem, discurso, interação verbal e comunicação – no micronível – e poder, dominação, desigualdade – no macronível – constituem um todo unificado (VAN DIJK, 2008a, p.116). Destaca formas de

relacionar esses níveis com intuito de atingir uma unificação no estudo: membros-grupos; ações-processos; contexto-estrutura social; cognição pessoal e social (idem, p.117).

No tocante ao controle, que, para o autor, define poder social, é a partir da influência a modelos mentais das pessoas que se pode controlar suas ações, tudo isso mediado pelo discurso. Assim sendo, o acesso a formas específicas de discurso constitui-se um recurso de poder: aquele capaz de controlar discursos passíveis de exercer maior influência controla representações mentais e ações dos outros. Vale frisar novamente que esse possível controle mental não é um processo direto nem necessariamente aceito de modo passivo. Ao indivíduo cabe confrontar discursos com seus próprios conhecimentos, opiniões e crenças a fim de estabelecer parâmetros que não firam seus princípios. Dito de outro modo, um senso crítico fortalecido alerta para naturalizações que findam por legitimar discursos dominantes e hegemônicos. Para van Dijk (2008a, p.119, grifos do autor), uma vez definido discurso “em termos de eventos comunicativos complexos, o acesso e o controle podem ser definidos tanto pelo *contexto* quanto pelas *próprias estruturas dos textos orais e escritos*”, o que interfere nas decisões de quais gêneros utilizar em determinadas ocasiões. O autor enfatiza, no entanto, que textos, sejam orais ou escritos, nem sempre são representativos das relações globais de poder, cabe ao contexto papel decisivo nessas relações de modo a reforçá-las ou colaborar em sua transformação (idem, p. 121).

Para melhor situar a abordagem teórica adotada em Análise Crítica do Discurso, na próxima seção, discorreremos mais detidamente sobre ‘discurso’, ‘ideologia’ e ‘poder’, tríade elementar nesses estudos, além da concepção cognitiva de modelo mental, cara à abordagem defendida por van Dijk.

3.2. CONCEITOS BASILARES EM ACD

Conforme mencionado anteriormente, as noções de discurso, ideologia e poder fundamentam as diversas correntes teóricas em Análise Crítica de Discurso. Esses conceitos, entretanto, a despeito de amplamente difundidos, por sua complexidade, carregam pontos controversos dependendo da linha teórica adotada. Para situá-los adequadamente, buscamos orientações em pesquisadores em ACD, mas também em autores de outros campos teóricos a fim de estabelecer, por confronto, conceituações pertinentes.

Introduzimos, ainda, nesta seção, algumas noções concernentes especificamente à vertente adotada por van Dijk para quem importa analisar manifestações de poder observadas em textos orais ou escritos sob a ótica da teoria da cognição social.

3.2.1 SOBRE DISCURSO

Para a exposição sobre discurso, tomamos as concepções de Charaudeau e Mangueneau (2008), que por sua vez mencionam outros estudiosos aqui citados direta ou indiretamente. Também são expostas a concepção de Fiorin (2007) e as propostas de Pêcheux (2002) e Bakhtin (1981), balizadas pelas colocações das pesquisadoras brasileiras Eni Orlandi (2009, 2010) e Beth Brait (2006) (respectivamente especialistas naqueles autores). Sucede essas proposições, a visão específica da ACD.

Podemos encontrar certa variação no conceito de discurso no que tange às diversas áreas de estudos da linguagem, do discurso ou do texto. O dicionário de análise do discurso organizado por Patrick Charaudeau e Dominique Mangueneau (2008) informa-nos que a noção de conhecimento discursivo em oposição a conhecimento intuitivo já estava presente na filosofia clássica. Destaca tal conceito concebido de forma diferente quando em oposição a outros como frase, língua, texto e enunciado.

Assim, em oposição à frase, o discurso constitui uma unidade composta por uma sucessão de frases (HARRIS, 1952 *apud* CHARAUDEAU & MANGUENEAU, 2008). O discurso sobre essa ótica implica uma análise transfrástica, baseada na linearidade discursiva, a partir dos conetivos que ligam os enunciados (MUSSALIN (2009, p.114-5); nessa concepção, texto e discurso se equivalem. Em consideração à língua, entendida como sistema de valores virtuais, o discurso funciona como um filtro e, nessa acepção, aproxima-se da oposição saussuriana entre língua e fala. Pode ser visto também como a utilização restrita da língua enquanto sistema partilhado por membros de uma comunidade. Em oposição a texto, numa remissão a Adam (1999 *apud* CHARAUDEAU & MANGUENEAU, 2008), o discurso é tido como a inclusão do texto em seu contexto, ou seja, em consideração às condições de produção e recepção. Ou, se considerarmos a intersubjetividade proporcionada pela comunicação, podemos entendê-lo com Benveniste (1966 *apud* CHARAUDEAU & MANGUENEAU, 2008) como enunciação. Vale trazer o dito de Benveniste (2006, p.82) quando nos esclarece sobre as condições da enunciação:

O discurso, dir-se-á, que é produzido cada vez que se fala, esta manifestação da enunciação, não é simplesmente a "fala"? - É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação. Deve-se considerá-la como o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam esta relação.

Em outras palavras, essa linha teórica considera na concepção de discurso não apenas suas relações internas, mas também as externas, fundamentadas nas atividades dos interlocutores e no contexto da enunciação.

Segundo, Fiorin (2007, p.11), “discurso são as combinações de elementos linguísticos [...], usadas pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo exterior ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo”. O discurso é constituído pela sintaxe discursiva – o campo da manipulação consciente – e pela semântica discursiva – campo da determinação inconsciente. Os procedimentos da sintaxe discursiva permitem ao locutor usar estratégias para criar um efeito de sentido de verdade no processo de interlocução. Na semântica discursiva apresentam-se elementos usados na constituição do modo de ver o mundo numa dada formação social. Esses elementos advêm de discursos cristalizados, cujas condições de produção foram apagadas. Para Fiorin (idem, p.41), contrariamente ao texto (que por ser individual permite uma autonomia no âmbito da textualização), o discurso, que é social, é o espaço de determinação ideológica.

Charaudeau e Mangueneau (2008) discorrem, ainda, sobre a proliferação do termo, datada dos anos 1980, sintomática de uma mudança na maneira de entender a linguagem. Tal modificação, influência de correntes pragmáticas, baseia-se no discurso como: i. unidade transfrástica; ii. orientado por desenvolver-se no tempo em função dos propósito do locutor; iii. uma forma de ação integrada em atividades languageiras de um gênero e relacionada a atividades não verbais (AUSTIN, 1962; SEARLE, 1969 *apud* CHARAUDEAU & MANGUENEAU, 2008); iv. interativo; v. contextualizado; vi. assumido, ou seja, em suposição a formas de subjetividade; vii. regido por normas; viii. algo que só obtém sentido se no interior de outros discursos (interdiscurso). Os autores findam o verbete por frisar que, visto conforme o acima exposto, o discurso é “antes de mais nada, *uma maneira de apreender a linguagem*” (CHARAUDEAU & MANGUENEAU, 2008, p.172; grifos dos autores).

A linha francesa em análise do discurso, fundada por Michel Pêcheux sob influência althusseriana, fundamenta-se nos conceitos de discurso e ideologia. Em Pêcheux (2002, p.45),

vemos o discurso como “acontecimento que articula uma atualidade a uma rede de memória”. Seguindo essa vertente, Eni Orlandi (2009, 2010) chama a atenção para a associação indissolúvel do social e do histórico nos estudos discursivos. Define discurso como “efeito de sentido entre locutores” (idem, 2009, p.21) uma vez que não há uma relação linear entre enunciador e destinatário posto que ambos são tomados pelo simbólico. Orlandi ressalta o papel da língua como condição de possibilidade do discurso, o qual deve sempre relacionar-se a sua exterioridade, suas condições de produção.

Brait (2006) chama a atenção para a influência bakhtiniana nas teorias do discurso. A pesquisadora observa que, embora não haja uma sistematização por parte do Círculo de Bakhtin, seus estudos contribuíram para uma postura dialógica no trato discursivo. Bakhtin (1981) tem na palavra um fenômeno ideológico, reflexo das alterações sociais; para o autor, o objeto do discurso de alguém sempre remete a discursos anteriores, o “falante não é um Adão bíblico” (idem, 2003, p.300), seu enunciado - como um eco - reflete enunciados outros, ressignificando-os numa “atitude responsiva” e colaborando na ocorrência de mudanças sociais.

O conceito de discurso em ACD abraça uma concepção de discurso enquanto constitutivo de e constituído por práticas sociais. Trata-se de “[...] uma relação dialética entre práticas discursivas particulares e campos de ação específicos (incluindo situações, organizações institucionais e estruturas sociais) nos quais estão embutidas” ³⁹ (WODAK, 2001, p.66). De acordo com Fairclough (2001), o discurso contribui para a constituição de identidades sociais, para construir relações entre as pessoas e para a construção de sistemas de conhecimento e crenças. Em ACD, o discurso é visto

[...] como modo de ação historicamente situado. Essa concepção implica considerar que, por um lado, estruturas organizam a produção discursiva nas sociedades e que, por outro, cada enunciado novo é uma ação individual sobre tais estruturas, que pode tanto contribuir para a continuidade quanto para a transformação de formas recorrentes de ação. (REZENDE & RAMALHO, 2006, p.25-6)

Observar o discurso como situado historicamente implica estabelecer uma caracterização passando por suas relações contextuais e não apenas em sentido abstrato como categoria denominativa de elementos semióticos tais como eventos comunicativos ou formas orais ou escritas de interação verbal ou uso da língua.

³⁹ Tradução nossa para: “[...] a dialectical relationship between particular discursive practices and the specific fields of action (including situations, institutional frames and social structures), in which they are embedded.”

[...] É essencial considerar processos cognitivos de produção, compreensão e representação para dar conta de interpretações e usos do discurso em situações sociais. Da mesma forma, importa explicitar as ligações entre estruturas discursivas e estruturas e processos de interação social” (VAN DIJK, 1985 p.11).⁴⁰

Esperamos com o acima exposto situar neste trabalho nossa posição que comunga da conceituação de discurso adotada em ACD, qual seja, uma posição que postula o discurso enquanto ação historicamente situada, constituinte de práticas sociais e simultaneamente por elas constituído. Na sequência, discorreremos sobre ideologia.

3.2.2. SOBRE IDEOLOGIA

Como discurso, o termo ideologia abrange certa variedade de formulações. Assim sendo, antes de abordar a posição da ACD, tomaremos os estudos de José Luiz Fiorin (2007), de Charaudeau & Mangueneau (2008), de Althusser (1970) e de Bourdieu (2003).

Fiorin, num estudo reeditado em 2007 sobre a veiculação da ideologia pela linguagem, atenta para o fato de a ideologia ser constituinte da realidade e também por ela constituída; assim, caracteriza-se por instituir relação indissociável da linguagem. Em observância ao compromisso do conhecimento com interesses sociais, amplia o conceito de ideologia para além da postura que a considera como falsa consciência. Para o professor, “ela é uma ‘visão de mundo’, ou seja, o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social” (FIORIN, 2007, p.29; destaque do autor).

Charaudeau & Mangueneau (2008, p. 267 e seguintes) informam sobre um consenso entre 1960 e 1970 em definir ideologia como sistema de representações do mundo social.

Para a AD francesa, a noção vem calcada nos estudos althusserianos, segundo os quais a ideologia, ligada ao inconsciente através da interpelação dos indivíduos em sujeitos, instaura uma relação imaginária⁴¹ dos indivíduos com sua existência concretizada em aparelhos e práticas. Condições de produção capitalistas (que levam os homens a ocupar sempre determinada posição) os fazem assujeitados. Conforme Althusser (1970, p.113), “[...] o indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para que se submeta livremente às ordens do

⁴⁰ “[...] Cognitive processes of production, understanding, and representation are crucial in this respect and are essential for an account of the interpretations and uses of discourse by participants in social situations. Similarly, the details of the links between discourse structures and the structures and processes of social interaction and situations must be made explicit.[...]” Tradução nossa.

⁴¹ O termo imaginário é tomado aqui não como referente a irreal ou ficção, mas como forma simbólica de representação das relações do homem com sua realidade concreta.

Sujeito, portanto, para que ‘realize sozinho’ os gestos e os atos da sua sujeição. [...]”. A ideologia enquanto estrutura intrínseca ao sujeito o conduz a pensar tais condições como evidências e, assim, vivenciá-las como naturais.

A partir do conceito de Aparelho de Estado da teoria marxista, Althusser (1974) introduz as noções de Aparelho repressivo do Estado (ARE) e Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE). Aquele funciona predominantemente pela repressão inclusive física, estes eminentemente pela ideologia (idem, p.47). Os AIE correspondem a “um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas” (ibidem, p.43), tais como a escola e a Igreja, por exemplo, e que têm por finalidade reproduzir as relações de produção do modo capitalista. Embora os AIE não comunguem da unidade típica do ARE, estão todos enlaçados pela ideologia dominante, a da classe dominante, mas, em contrapartida, são o espaço apropriado para a resistência mediante a luta de classes.

Entretanto, a chegada dos anos 1980 introduz noções⁴² que questionam e amortecem tal acepção do termo, então, por vezes, substituído por outras expressões como ocorre em Bourdieu para quem os conceitos de “dominação simbólica”, “poder simbólico” ou “violência simbólica” são realizações do conceito de ideologia cujo uso o autor evita numa tentativa de dirimir ambiguidades e transpor a vaguidão conceptual que o termo abarca. (2003, p.296).

O autor caracteriza a violência simbólica como aquelas violências cotidianas que passam despercebidas como, por exemplo, pequenos constrangimentos impostos por regras sociais ou jogos de linguagem adotados com intuito de manipular.

Bourdieu defende que o mundo social funciona em termos de práticas e não de consciência (2003, p.298). Por intermédio da doxa, aceitam-se situações sem que delas se tenha plena consciência. Pela doxa, valores e crenças se formam através da naturalização da violência simbólica. As pessoas legitimam formas de poder dominante na medida em que internalizam as ideias dos grupos dominantes (idem, p.296).

Para ele, a manipulação do corpo é o mecanismo principal de dominação. A manipulação corporal através de imposições de condutas, por meio da linguagem ou de ações opera de modo inconsciente que, embora possa tornar-se consciente, se mostra muito difícil

⁴² Como, por exemplo, a de formas de heterogeneidade, introduzida por Authier (1982, *apud* CHARAUDEAU & MANGUENEAU, 2008).

de ser vencida uma vez que, como dominação simbólica, não é percebida como imposição. Bourdieu intenta se distanciar de Foucault cuja concepção de poder acha demasiado abstrata e abrangente. Para Bourdieu, qualquer teoria do poder deve deixar espaço para contestação política. O autor defende que, por ser internalizada, a dominação simbólica deixa muito menos brechas para rupturas do que a disciplina nos termos foucaultianos⁴³, que é externa, é claramente imposta, opera no plano da consciência. A dominação simbólica espalha-se por todas as áreas da sociedade, se tornando mais efetiva pela aplicação de mecanismos de violência simbólica (ibidem, p.299-300).

Como os trabalhos em ACD seguem versões ligeiramente variadas conforme os interesses de seus pesquisadores, trazemos aqui duas posições, a de Fairclough – influenciada pelo conceito foucaultiano de ordem do discurso ora ressignificado – e as de van Dijk, mais de acordo com os postulados sociocognitivos.

Fairclough (2001, p.117) assume serem as ideologias construções da realidade, significações do mundo físico, de suas relações sociais, bem como das identidades dos atores sociais. Tais significações apresentam-se em várias dimensões das formas das práticas discursivas, contribuindo para a produção, reprodução ou transformação de relações de dominação. O estudioso adota uma concepção que circunscreve a ideologia:

[...] tanto nas estruturas (isto é, ordens de discurso) que constituem o resultado de eventos passados como nas condições para os eventos atuais e nos próprios eventos quando reproduzem e transformam as estruturas condicionadoras. É uma orientação acumulada e naturalizada que é construída nas normas e nas convenções, como também um trabalho atual de naturalização e desnaturalização de tais orientações aos eventos discursivos. (idem, p.119)

Já van Dijk (2006, p.116) define ideologia como um sistema de crenças e atenta para o fato de, por ser primariamente um “tipo de ideia”, não poder ser considerada sem se levar em conta um componente cognitivo que caracterize noções como crença ou sistema de crenças. O autor considera este sistema de crenças como socialmente partilhado por membros de determinados grupos. Dessa forma, as ideologias, como representações sociais, definem a identidade social do grupo, ditam suas crenças sobre as mais elementares coisas. Contudo, nem todo tipo de crenças são ideologias; apenas as que colaboram para controlar e organizar outras crenças partilhadas de forma a torná-las coerentes e assim facilitar sua absorção e seu uso no cotidiano do grupo, ditando, inclusive, a relevância de valores como liberdade ou justiça, por exemplo. É preciso observar o caráter processual das ideologias. Para se tornarem

⁴³ A respeito da disciplina como mecanismo de poder ver FOUCAULT, 2009, 37ed. *Vigiar e punir*.

consistentes no grupo ou deixarem de sê-lo, os atores sociais necessitam vivenciar uma diversidade de experiências e discursos. Por vezes, algumas crenças são tão amplamente aceitas e internalizadas que passam a fazer parte do senso comum e ser tidas como “naturais”. Entretanto, enfatiza o autor, a absorção e a aquiescência não é igual nem necessariamente completa pelos membros de um grupo.

Van Dijk sustenta uma noção de ideologia que se distancia das que a definem como falsa consciência ou como similar a discurso. As ideologias “funcionam como parte da interface sociocognitiva entre estruturas sociais (...) dos grupos por um lado e seus discursos e outras práticas sociais por outro”⁴⁴ (idem, p.117). O pesquisador enfatiza, contudo,

[...] que nem **toda** estrutura discursiva é ideologicamente controlada e que a estrutura do discurso não tem **apenas** funções ideológicas. Tudo depende do contexto, definido aqui como modelos mentais subjetivos (eles próprios passíveis de serem ideológicos) que representam as propriedades relevantes de situações comunicativas. (idem, 138; grifos do autor)⁴⁵

Dito de outro modo, a ideologia não é determinista e sim estratégica. Uma análise adequada sobre os processos de produção e reprodução de estruturas discursivas ideologicamente constituídas vai sempre depender da contextualização.

Adotamos neste estudo a posição de van Dijk (1998, 2006) que define ideologia em termos das cognições sociais partilhadas por membros de um grupo de modo a controlar modelos mentais pessoais que fundamentam a produção e reprodução de discursos ideologicamente marcados. Destacamos, contudo, com Fairclough (2001) o poder transformador das ideologias; encará-las unicamente como negativas seria lidar unilateralmente, de modo reducionista com uma questão deveras complexa.

Vejamos na seção seguinte como se processa a noção de poder.

3.2.3. SOBRE PODER

Não menos ambígua que as de discurso e ideologia, a noção de poder tem sido estudada por diversos teóricos. Na ACD, traremos os posicionamentos de Fairclough (2001),

⁴⁴ “[...] they function as the part of the sociocognitive interface between social structures (conditions, etc.) of groups on the one hand, and their discourses and other social practices on the other hand”. Tradução nossa.

⁴⁵ “[...] that not *all* discourse structures are ideologically controlled, and that no discourse structure *only* has ideological functions. All depends on the context, defined here as subjective mental models (which may also themselves be ideological) representing the relevant properties of communicative situations.” Tradução nossa.

Weiss & Wodak (2003) e van Dijk (1989, 2008c, 2008d) e, para fazer um contraponto, a visão de Foucault (1999) pela qual iniciaremos nossa exposição.

O conceito de poder em Foucault não está atrelado ao de ideologia; parte do viés da dominação. O corpo social é constituído e perpassado pelo poder. Este não consiste em um bem, não é passível de ser dado ou tomado. Poder circula formando uma rede intermediada pelos indivíduos, os quais estão sempre em posição de exercer esse poder, mas também de serem a ele submetidos. E mais, o poder não é “primeiramente manutenção e recondução das relações econômicas, mas, em si mesmo, primariamente, uma relação de força [...] (FOUCAULT, 1999, p.21)”.

O poder se exerce na heterogeneidade entre um direito público da soberania e uma mecânica da disciplina (idem, p.42). Como a disciplina tem seu discurso próprio, é sobre ela que Foucault vai se debruçar em seus estudos. Para ele (idem, 2009b), a sociedade é atravessada por mecanismos disciplinares e a disciplina nada mais é que um princípio limitador do discurso⁴⁶ (ibidem, 2009a). Pela disciplina se efetiva uma nova economia de poder cujo “princípio é de que se deve ao mesmo tempo fazer que cresçam as forças sujeitadas e a força e a eficácia daquilo que as sujeita (FOUCAULT, 1999, p.42)”.

Articulado ao mecanismo de poder disciplinador, está o mecanismo de poder regulamentador. Se o primeiro se efetiva na dominação do indivíduo mediante técnicas disciplinares adotadas pelas instituições, o segundo diz respeito à população, ao “homem-espécie”, no dizer do autor (idem, p.289 e seguintes), e relaciona-se à regulamentação estatal. Disciplina e regulamentação encontram-se em níveis diferentes, pois enquanto aquela visa o detalhe, o individual, esta intenta “dominar acontecimentos aleatórios de uma multiplicidade biológica” (ibidem, p. 302). Os dois mecanismos articulam-se, entretanto, pelo trânsito da norma entre um e outro.

Cabe ressaltar, no entanto, como nos lembra Foucault (2009b), que tais mecanismos de poder que atravessam a sociedade não comportam uma visão maniqueísta de bem/mal. A disciplina traz a ordenação necessária ao andamento da máquina social que intenta, numa vigilância abrangente, internalizar, pela continuidade que leva à naturalização, procedimentos de obediência de uso automatizado. Apesar disso, não se pode ver o poder como algo

⁴⁶ Assim sendo, não se pode falar em liberdade de expressão incondicional na escrituração de *microblogs* quando se sabe que, em toda sociedade, o discurso tem sua produção selecionada, ordenada, controlada por procedimentos de controle.

absoluto ou permanente, mas como múltiplo, transitório e com rupturas indispensáveis à introdução de estratégias de resistência a tais relações de poder. Conquanto sejam inevitáveis à ordenação social, conquanto se apresentem como princípios reguladores de corpos e discursos, a disciplinarização e a regulamentação nos dão brechas necessárias ao deslocamento propício a possíveis reflexões, a possíveis formas de resistência.

Numa remissão a Gramsci, Fairclough concebe poder como hegemonia⁴⁷ e a evolução de suas relações como luta hegemônica (2001, p.116). Para ele, num domínio de prática particular, estruturas podem ser reproduzidas ou transformadas mediante o equilíbrio ou não de relações de poder.

Weiss & Wodak (2003, p.14-5) observam que mudanças nas distribuições de poder ocorrem por meio da linguagem que, em suas diferentes manifestações discursivas, tem poder constitutivo. Os pesquisadores ressaltam que há negociação de diferenças discursivas nos textos, posto frequentemente não constituírem trabalho individual.

A efetivação do poder que perpassa um texto pode se dar através da estruturação léxico-gramatical, mas pode também ser vista no controle exercido sobre determinadas situações sociais na medida em que gêneros textuais são escolhidos. Tome-se como exemplo o emprego de recursos retóricos na produção de discursos persuasivos como nos sermões; ou a tentativa de produzir um efeito de neutralidade nos textos informativos; ou, ainda, os textos nos livros didáticos que têm sofrido alguma atualização com a introdução de gêneros do domínio virtual para atender a demanda contemporânea que privilegia o tecnológico.

No dizer de van Dijk (1989, 2008c, 2008d), as relações entre grupos ou entre membros de grupos caracterizam o poder social. Posto que as relações de poder social manifestam-se nas interações, o exercício de poder de um grupo sobre o outro implica a limitação da liberdade social de ação do grupo dominado. Tal controle dá-se, geralmente por vias indiretas à proporção que o grupo dominante controla as condições cognitivas das ações do outro grupo. Dito de outra maneira, é pelo domínio sobre a mente das pessoas – interferindo em suas crenças, opiniões ou manejando informações necessárias à execução de suas ações – que se processam relações de poder manifestas no discurso. No que concerne estritamente à

⁴⁷ O conceito de hegemonia em Gramsci não está relacionado a soberania. Nessa concepção o poder é descentralizado. Gramsci tomava o poder como um processo em que sujeitos, conscientes de suas necessidades na sociedade, voluntariamente se disciplinam para daí partir para a ação conjunta. A hegemonia se dá quando sujeitos históricos chegam a um consenso entre diferenças e conflitos. Para garantir certa estabilidade, o processo hegemônico está sob o crivo constante da sociedade civil. Para uma visão mais acurada da questão ver além dos textos de Gramsci, por exemplo, Kohan (2001), Semeraro (1999).

linguagem, pode-se tomar como exemplo o uso de vocábulos e expressões da língua inglesa como sanduiche ou notebook. O emprego de palavras assim é tão corriqueiro que a percepção de que pertencem a outro idioma e, conseqüentemente, a outra cultura se apaga. Os vocábulos passam a compor um modelo mental que inconscientemente valoriza o outro, o estrangeiro; este, devido ao apagamento, destitui-se do caráter de elemento estranho, mas não de representante de um grupo dominante.

Para que essa mediação mental de exercício do poder se realize, é necessária a formação de uma base composta por atributos ou bens socialmente valorizados como, por exemplo, conhecimento, autoridade, *status* ou riqueza. Contudo, esses bens não se encontram distribuídos com equanimidade. A formação dessa base constituída por recursos relevantes para a sociedade denota uma forma de poder como controle social que atende aos interesses das elites simbólicas detentoras de acesso privilegiado aos discursos.

Importa ao exercício e à preservação do poder o conhecimento das intenções e vontades do grupo dominante por parte do grupo dominado, o que procede por meio de comunicação direta, mas também por inferência de crenças ou interpretações das ações do grupo detentor do controle. Está pressuposta nesse processo uma estrutura ideológica obtida, reforçada ou transmutada pelo discurso.

Van Dijk atenta para o fato de que na contemporaneidade o controle social é limitado e compartimentado, atua não necessariamente sobre grandes grupos posto que os agentes de poder exercem-no sobre domínios específicos.

O estudioso salienta que todo esse processo de distribuição de poder está fundado numa forma de interação social; não ocorre sem que, sob determinadas condições econômicas, históricas, culturais, se estabeleçam nichos afeitos ao exercício de um contrapoder.

3.2.4. SOBRE COGNIÇÃO E MODELOS MENTAIS

“Os conceitos que estruturam os pensamentos permeiam o modo como se percebe o mundo, o comportamento e as relações interpessoais de acordo com experiências físicas e culturais (REZENDE E RAMALHO, 2006, p.86-7)”. Nada mais apropriado, então, do que relacionar o social e cognitivo para melhor significar os processos de produção, compreensão e reprodução de estruturas discursivas em textos orais e escritos, visto que

Textos são fontes óbvias para a construção das representações mentais na memória dos indivíduos, assim como de conhecimentos que circulam socialmente, participando ativamente das categorizações sociais, da criação, circulação e manutenção de estereótipos e das diversas visões de mundo encontráveis numa sociedade.

Textos são também fontes fundamentais para a circulação e construção de conhecimentos partilhados entre indivíduos, sendo uma das mais importantes e centrais formas de cognição social e de organizadores do conhecimento de uma dada cultura [...] (KOCH & CUNHA-LIMA, 2009, p.294).

A adoção de uma abordagem cognitiva de modelos mentais e cognições sociais como ideologia e conhecimento atende aos propósitos multidisciplinares intentados pela Análise Crítica do Discurso e os trabalhos desenvolvidos por van Dijk servem para aclarar relações entre discurso e sociedade aliadas a dimensões de poder exercido por elites simbólicas.

As pesquisas de cunho cognitivo de van Dijk foram inicialmente feitas em parceria com Walter Kinstch, que já desenvolvia trabalhos alicerçados na psicologia do processamento textual. Seus estudos se desenvolveram fundamentados no conceito de macroestrutura semântica (VAN DIJK, 1980) que abrange análise de elementos da estrutura global do texto como, por exemplo, tópicos e temas. No decorrer das pesquisas, van Dijk (1995) aliou a perspectiva sociocultural à cognição a fim de abranger questões como opiniões e atitudes, cruciais para o conhecimento do processamento e da compreensão textuais.

Assim foi introduzido o conceito de modelo, “um construto na memória episódica⁴⁸ que representa o evento ou situação **sobre** o qual é o texto”⁴⁹ (IDEM, 1995, p.394. destaque do autor). Os modelos, dessa forma, constituem a base cognitiva para o discurso e para a interação interpessoal. Presume-se que falantes/escreventes partem de modelos mentais pessoais de um evento ou de uma situação na produção discursiva. Uma vez constituído um modelo pessoal de um evento ou situação, falantes/escreventes podem expressar no discurso fragmentos desses modelos dependendo de necessidades contextuais, usando, para tal, estratégias linguísticas e discursivas. Esse procedimento é efetivo também no que concerne à compreensão.

⁴⁸ As definições assumidas por van Dijk de representação e processos cognitivos partem da concepção de memória. Estudos cognitivos distinguem entre memória de curto termo (MCT) e memória de longo termo (MLT). A MCT processa informações armazenadas na MLT. Esta última comporta a memória episódica, que armazena experiências pessoais resultantes da compreensão em MCT, e a memória semântica, que responde por informações gerais, abstratas e socialmente partilhadas. Van Dijk (2008c, p.202) denomina a memória semântica de “memória social”.

⁴⁹ Tradução nossa para “a construct in episodic memory that represents the event or situation a text is *about*.”

Modelos podem também funcionar como base referencial para o discurso de modo a colaborar para a definição da coerência local e global (VAN DIJK, 1995, 2008c). Conquanto sejam a interpretação pessoal, representativos do conhecimento e da opinião individual, podem incorporar informações sociais e, assim, instituir papel central na relação entre o social e o individual para compartilhar conhecimento. Relações entre as crenças partilhadas que se encontram na memória semântica, chamada por van Dijk (2008c) de memória social, e as crenças e percepções pessoais que formam modelos na memória episódica constituem as representações pessoais e sociais que, por sua vez, estabelecem relações com as estruturas discursivas.

Atitudes, ideologias, normas e valores são partilhados, assim como o conhecimento - entendido na teoria dijkiana como “estrutura mental organizada de crenças factuais compartilhadas de um grupo ou cultura, que são ou podem ser ‘verificadas’ pelos critérios de verdade (historicamente variável) daquele grupo ou cultura” (IDEM, p.203, destaque do autor). O autor salienta o caráter objetivo do conhecimento em contraposição à subjetividade com que as atitudes são vistas culturalmente.

Van Dijk presume que a base de constituição da memória social (semântica) forma-se a partir de uma base comum de crenças socioculturais partilhadas que definem o que é senso comum, o que é tido como dado. Essa base comum é responsável pela adequada interação comunicativa. As crenças de uma base comum são historicamente flexíveis; podem sofrer transformações de acordo com os interesses de cada grupo social, de modo a haver imbricações entre crenças de diferentes grupos ao longo do tempo ou alteração no status valorativo atribuído socialmente à crenças específicas, fazendo o que antes era visto como global passar a fazer parte de um nicho social.

Uma vez que as pessoas não aplicam todos os modelos armazenados, mas apenas aquele relevante em determinada situação, em determinado evento, faz-se necessário algum conhecimento sobre a situação comunicativa vigente - como, por exemplo, crenças presumidas de seus interlocutores, o tipo de evento, a ocasião e o ambiente em que se dá - para que haja uma adequação entre a situação social e as informações dos modelos introjetados. Dito de outro modo, torna-se necessária uma contextualização uma vez que, como é sabido, o discurso impõe coerções, não se pode falar e escrever sem que haja um certo controle, certa limitação demarcada pelo contexto, conceito caro à ACD; na medida em que influencia determinantemente o discurso, precisa ser controlado para que o discurso também o

seja. Dito de outra forma, o controle do contexto regula o acesso ao discurso, à sua produção e reprodução.

Quanto a isso, as pesquisadoras Koch e Cunha-Lima posicionam-se da seguinte forma:

As ações verbais são ações conjuntas, ou seja, usar a linguagem é sempre se engajar em alguma ação na qual a linguagem é o meio e o lugar onde a ação acontece necessariamente em coordenação com os outros. Essas ações, contudo, não são realizações autônomas de sujeitos livres e iguais. São ações que se desenrolam em contextos sociais, com finalidades sociais e com papéis distribuídos socialmente. Os rituais, os gêneros e as formas verbais disponíveis não são em nada neutros quanto a este contexto social e histórico. [...] Ver a linguagem como ação conjunta não é [...] suficiente: é preciso passar a abordá-la como uma ação social. Relações sociais complexas (cultural e historicamente situadas) autorizam ou desautorizam os falantes a produzirem certos sentidos. Relações sociais distribuem desigualmente o poder para estabelecer qual a interpretação do dito entre as instâncias ou pessoas que participam de uma dada interação. (IDEM, 2009, p.285-6; grifos das autoras)

A partir das considerações acima expostas, van Dijk (1995, 2008c) estabelece uma distinção entre modelos de evento⁵⁰ e modelos de contexto. Os primeiros respondem por situações e eventos específicos e os segundos detêm-se na construção de modelos mentais concernentes às especificidades dos contextos sociais.

Com a mediação dos modelos de contexto, controla-se o que é dito/escrito, mas também, e mais significativamente, como é dito/escrito. Tais modelos, então, formam a base de propriedades pragmáticas e estilísticas que o discurso adquire; controlam a estrutura discursiva na medida em que regulam significados através de formulações específicas de estruturas sintáticas, léxico, questões fonológicas entre outros. São de fundamental importância para a produção e compreensão de estruturas do discurso: é pela adequada interpretação da situação social que eventos comunicativos, como a escritura em *blogs* e *microblogs*, por exemplo, ocorrem devidamente.

A despeito de a palavra “modelo” poder nos remeter a uma imagem de estaticidade que conduziria a ideia de um discurso único para cada situação, há dinamicidade nesse enquadre:

[...] alguns elementos de um modelo de contexto são compartilhados por todos os participantes, e alguns são diferentes; alguns são estáveis durante todo o evento comunicativo, enquanto outros mudam de forma dinâmica como uma função da interação e do discurso em curso. [...] (VAN DIJK, 2008c, p. 211)

⁵⁰ Os *modelos de evento* foram originalmente denominados *modelos de situação* por van Dijk e Kintsch em seu trabalho de 1983 *Strategies of discourse comprehension*. (Conforme VAN DIJK, 2008c)

Modelos de contexto sofrem mudanças graduais, especialmente se alocados em interações verbais.

Por último, mas não menos relevante, como elementos primordiais para a produção e compreensão de estruturas discursivas, os modelos de contextos podem ter papel significativo na formulação composicional de alguns gêneros textuais. Casos como o dos *microblogs*, em que a estrutura textual específica (conforme detalhado no capítulo 1) não é determinante para uma definição genérica, podem carecer de elementos contextuais que categorizem modelos de contexto a fim de delinear uma possível conceituação.

No próximo capítulo, o enquadre teórico sobre o qual aqui discorreremos é aplicado ao gênero textual *microblog* numa tentativa de investigar a constituição de discursos educacionais em páginas do *Twitter* de instituições de ensino superior e sua relação com estruturas de poder e controle a partir da visibilidade que o suporte virtual possibilita.

4. TWITTER E AS RELAÇÕES DE PODER

As mídias virtuais são elementos tão presentes hoje em nosso cotidiano que em alguns casos tornam-se verdadeiras necessidades. Tal asserção parece indiscutível. Mas se considerarmos o enquadre teórico de van Dijk, no qual salienta a influência de grupos dominantes sobre interesses e modelos mentais de outros grupos, podemos, então, questionar essa imperativa necessidade por aparatos tecnológicos. Está-se introduzindo no imaginário coletivo um modelo mental valorativo da conectividade. Tudo deve estar em rede, todos devem estar conectados com o prejuízo de não se estar atualizado. O vocabulário tipicamente da internet adentra outras áreas, recebe outros contextos que redefinem ou ampliam seu campo semântico. É natural estar com um celular novo de tempos em tempos (cada vez um intervalo temporal menor), cada vez com mais funcionalidades que não necessariamente dizem respeito à sua função original de comunicação à distância de pessoa para pessoa. Computadores são disponibilizados em modelos cada vez menores de forma a serem portados mais facilmente. A mobilidade está em voga na contemporaneidade. Está-se *online* não mais apenas em casa ou em decorrência do trabalho, mas no banco, na escola, no *shopping*. Tornou-se uma imposição social estar na *web*. Assim, *microblogs* tornaram-se uma necessidade. Fazer parte de uma rede social tornou-se imperativo, mesmo que tal meio não se constitua num canal de interação efetivamente, visto privilegiar uma comunicação unilateral, de cima para baixo, reprodutora de um discurso que atende a interesses de grupos específicos, detentores do controle do poder social.

4.1. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Ratificamos aqui que, pela variedade de enfoques adotados, os estudos em Análise Crítica do Discurso não permitem uma unicidade quanto aos procedimentos metodológicos; os modos para obtenção de dados não são específicos; os métodos usados para aliar o enquadramento teórico e a observação vão depender do direcionamento tomado pelas investigações. Meyer (2001, p18) enfatiza a importância da mediação entre a teoria adotada e instâncias concretas de interação social.

O autor apresenta uma pequena lista de perspectivas passíveis de orientar trabalhos em ACD, a saber: epistemologia; teorias sociais gerais que relacionam fenômenos micro e macrossociológicos a partir das relações entre estrutura social e ação social; teorias de médio

alcance (*middle-range theories*) que focalizam tanto fenômenos sociais específicos como subsistemas sociais determinados; teorias microsociológicas que lidam com interação social; teorias sociopsicológicas que, a partir de explicações causais, focam emoção e cognição; teorias do discurso e teorias linguísticas (MEYER, 2001, p. 19-20).

Nossa pesquisa é orientada pela abordagem sociocognitiva de Teun van Dijk da qual selecionamos o conceito de modelo mental vinculado aos conceitos basilares em ACD de ideologia e poder. Com esses instrumentos, intentamos desvelar as relações entre as crenças partilhadas – as representações sociais em instituições de ensino sobre liberdade de expressão ilimitada – e as crenças pessoais que se constituem por modelos e se entremeiam às estruturas discursivas, na certeza de que esmiuçar essas relações é de extrema relevância para descaracterizar o “senso comum” que induz à automatização de noções de liberdade irrestrita no discurso educacional propagado em *microblogs*.

4.1.1. A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Adotamos uma abordagem qualitativa de observação simples, descrição e interpretação dos dados componentes do *corpus* coletado para esta pesquisa constituído por postagens colhidas no *Twitter* no período compreendido entre abril e julho de 2011 das quais 36 foram selecionadas para análise. Foram observadas as páginas de três universidades públicas: a federal de Sergipe (UFS), a federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade de São Paulo (USP); as duas últimas por se tratarem de entidades de grande porte, de expressão significativa no meio acadêmico e alto grau de visibilidade e a primeira – além de ser a instituição a que estamos vinculadas – por ser uma universidade pequena, estar em região diversa das outras duas e possuir características locais diferentes de maneira a funcionar como parâmetro de comparação.

A observação dos *microblogs* foi feita semanalmente por quatro meses (de abril a julho), escolhidos em função do período letivo. Como as páginas não eram necessariamente alimentadas diariamente pelas instituições, houve semanas em que os *posts* coletados se repetiram, assim sendo, não procedemos a uma quantificação sistemática de todos os *tweets* recolhidos que perfizeram um total de 960 postagens, 240 de cada instituição. Esse número

deve-se às limitações do aplicativo utilizado na coleta, o *FireShot*⁵¹, que permitia salvar apenas 20 *posts* por vez. Em decorrência disso, selecionamos uma amostra intencional com base na relevância para a pesquisa de 12 *postagens* de cada universidade num total de 36. Também não as compartimentamos por tópicos por entendermos que esse procedimento não acrescentaria a nossos propósitos devido à característica comum aos temas de atender à estruturação e ao estilo dos textos informativos⁵². A quantificação e a seleção se apresentaram em nosso trabalho sempre que se mostraram significativas para o procedimento interpretativo, determinante nos estudos em ACD.

Os *tweets* (T) escolhidos foram identificados numericamente (T1, T2,...), do mais recente para o mais antigo; os *retweets* (RT) e as respostas (R) seguem o mesmo princípio (RT1, RT2,...). As páginas observadas foram as da Assessoria de comunicação da UFS (@AscomUFS), o twitter extra-oficial da UFRJ (@UFRJ) e @usponline, da Universidade de São Paulo.

Guiada pelas noções de modelo mental e representação mental, a interpretação é desenvolvida observando elementos da macroestrutura semântica como tópico; elementos da composição genérica constitutiva do *microblog* como *links* e *retweets*; além de observar o estilo característico do texto informativo. Precede a análise dos dados, a caracterização das instituições de ensino superior no próximo segmento.

4.1.2. PERFIL DAS UNIVERSIDADES

Buscamos aqui traçar um breve perfil dos estabelecimentos de ensino e de suas páginas iniciais no *Twitter*. As informações foram coletadas *online* nos portais das instituições. Selecionamos dados numéricos referentes ao início do mês de junho de 2012, necessários à visualização do porte das universidades, para, desse modo, estabelecer relações entre quantidade de seguidores e processos de interação.

A Universidade Federal de Sergipe (UFS) foi criada em 15 de maio de 1968. Está presente em 5 campi de ensino presencial e em 15 polos de Educação a Distância. Para o último vestibular, em dezembro de 2011, foram ofertadas 5.490 vagas em 106 opções de

⁵¹ Trata-se de uma extensão para navegadores de internet que permite capturar não apenas a área da página visível na tela, mas também uma parte selecionada ou mesmo a página inteira. O complemento possibilita ao usuário salvar, editar e/ou imprimir o material coletado. Usamos nesta pesquisa a versão gratuita, entretanto, há uma versão paga denominada *FireShot Pro*, que agrega mais funcionalidades. O endereço para *download* é <http://screenshot-program.com/fireshot/>.

⁵² No decorrer da análise, serão feitas algumas considerações sobre as especificidades do texto jornalístico.

curso presenciais e 2.600 através da EAD. No segundo semestre de 2011, 22.637 estudantes estavam matriculados em cursos presenciais e outros 6.478 nos cursos de EAD. O quadro de pessoal da UFS conta com 1.310 professores, sendo 1.069 do quadro efetivo (60% deles com título de doutorado). Já o quadro de técnico-administrativos é constituído por 1.154 servidores efetivos.

As informações acima foram encontradas facilmente no portal da universidade em que há também um link para o perfil no *Twitter*. A quantidade de *tweets* e seguidores muda constantemente, sua apresentação aqui tenciona estabelecer uma equiparação entre o porte das universidades e sua visibilidade no *microblog*. A instituição, no início do mês de junho de 2012, contava com 3.859 seguidores, seguia 37 e contabilizava um total de 1.398 *posts*. Conquanto, as postagens sejam frequentes, não são necessariamente diárias. Também não são produzidas em grande número e dirigem-se prioritariamente ao corpo discente com quem não há número significativo de conversas.

A Universidade de São Paulo (USP) é uma instituição pública, mantida pelo Estado de São Paulo e ligada à Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia. Criada em 1934, possui 10 campi. Em 2011, foram matriculados 88.962 alunos, 57.300 somente na graduação. Foram 10.622 vagas distribuídas em 240 cursos para o último vestibular. O corpo docente é composto por 5.865 membros dos quais 98,65% com título de doutor. 16.187 servidores compõem o quadro de técnico-administrativos.

Como no caso anterior, as informações sobre a instituição foram encontradas em seu portal oficial. Maior das três universidades analisadas, a USP contava, quando da finalização desta pesquisa em junho, com 41.412 seguidores; seguia 48 e produziu 8.998 postagens. Seus *tweets*, embora em maior quantidade que os da UFS, também não são obrigatoriamente diários; direcionam-se majoritariamente aos alunos e as interações são poucas.

A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi criada no dia 7 de setembro de 1920, com o nome de Universidade do Rio de Janeiro. Em 1937, passou a se chamar Universidade do Brasil e desde 1965 tem a atual denominação.

Seu portal mostrou-se o menos atualizado dos três. Ao clicar no *link* que deveria conduzir aos dados numéricos da universidade, encontramos a mensagem informando que a página estava em construção. Como a página oficial do *Twitter* da UFRJ passa longos períodos sem atualização (conforme figura 6), usamos para estudo a página extraoficial

mantida colaborativamente por estudantes e funcionários. Seu perfil em junho era composto por 8.905 seguidores; seguia 2.629 e contava com 1.378 *tweets*.

Figura 6 - Intervalo entre postagens.



Fonte internet.

4.2. ANÁLISE DOS DADOS

Iniciamos nossas observações pela relação entre comunidade acadêmica (docentes, discentes e funcionários) e seguidores do *microblog Twitter* de cada instituição. Ainda que não possamos aqui, devido às limitações desta pesquisa, quantificar cada tipo de membros das páginas a fim de identificar comunidade interna e comunidade externa, podemos verificar uma correspondência relativamente boa entre os números da USP – 37,30% da comunidade segue seu *Twitter*. Na UFS, a correlação fica em apenas 12,31%; merece destaque, entretanto, o fluxo crescente de seguidores que passou de 2.439 em abril de 2011 (figura 7) para 3.859 no início de junho de 2012. Apesar do número considerável de seguidores de @usponline e do crescimento dos que acompanham a @AscomUFS, a interação não se efetiva; raros são os contatos com interlocutores expressos em *retweets* e respostas (dois nos *posts* da USP, 3 nos da UFS). O *Twitter* da UFRJ foi o que contou com maior número de *retweets* (oito) e respostas (uma). Uma possível explicação para isso pode estar relacionada ao fato de que a

página é alimentada tanto por funcionários quanto por alunos. É importante frisar que não tivemos acesso a dados relativos à comunidade acadêmica da instituição carioca; as páginas do *site* encontram-se em manutenção e os *emails* para contato, nelas fornecidos, encontram-se desativados; tentativas de contato através do *Twitter* não obtiveram retorno.

Figura 7 – T20 – número de seguidores em 08/04/2011.



AscomUFS
 Última chamada: servidores da UFS respondem Avaliação de Desempenho até 15/4:
<http://www.ufs.br/?pg=noticia&id=2709>
 1:46 PM Apr 8th via web

Name Ascom UFS
 Location Brasil - Sergipe - Aracaju
 Web <http://www.ufs.br>
 Bio Assessoria de Comunicação da Universidade Federal de Sergipe

36 following 2,439 followers 56 listed

Tweets 870

Favorites

Lists
[@AscomUFS/concurso](#)

Fonte – internet.

Os textos são prioritariamente dirigidos aos universitários, há poucas menções diretas a professores e servidores ou mesmo à comunidade externa como demonstra o quadro abaixo.

Quadro 1 – demonstrativo do direcionamento dos *tweets*.

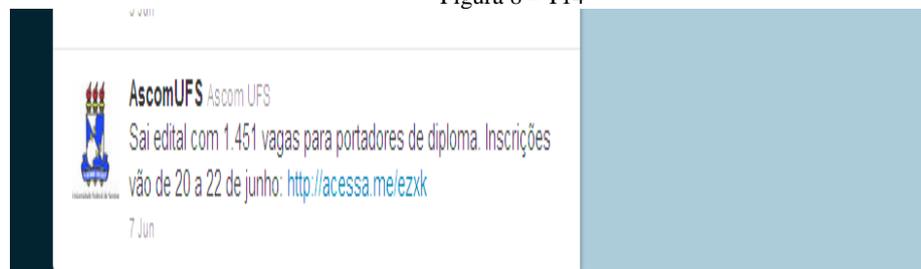
	UFS	USP	UFRJ
Discentes	5	9	7
Docentes	1	1	1
Servidores	1	-	-
Comunidade externa	2	2	-
Geral	3	-	4

As postagens contabilizadas na categoria “geral” referem-se aos *posts* que são direcionados tanto à comunidade acadêmica – alunos, professores e servidores – quanto à comunidade externa. Estudo de Pereira (2011, p.97) sobre redes sociais como estratégia de comunicação no Instituto Federal de Santa Catarina coloca o *Twitter* em 9º lugar entre os

servidores (4º lugar geral). Pereira atribui tal resultado ao baixo incentivo formal para o uso dessa mídia e à resistência dos funcionários da Universidade quanto ao uso do *Twitter*, *Facebook* e outras redes. No que se restringe às entidades aqui analisadas, o diminuto número de postagens direcionadas especificamente a servidores justifica, de certa forma, o pouco interesse por parte dessa categoria.

Modelos de evento e de contexto têm a função de definir os tópicos presentes na estrutura discursiva. A seleção dos tópicos em gêneros textuais como os *microblogs* tende para uma auto-apresentação positiva nos termos de Goffman (2002). Em sua grande maioria, os tópicos das postagens têm cunho informativo; giram em torno da divulgação de eventos, palestras, cursos, prazos para algum tipo de inscrição (vestibular, publicação em revistas entre outros) como em T14, T5 e T6 (Figuras 8,9 e 10). Como consequência dessa restrição na topicalização das postagens, impõe-se um limite à colaboração da comunidade acadêmica. Os tópicos tendem a privilegiar uma autoimagem que ratifica modelos mentais que fazem emergir crenças de Universidades como *fontes* do saber, direcionadoras da aquisição de conhecimento.

Figura 8 – T14



Fonte – internet.

Figura 9 – T5



Fonte – internet.

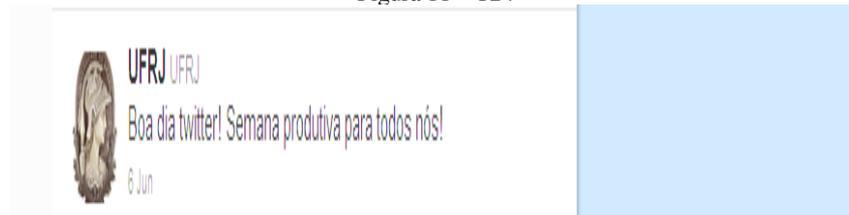
Figura 10 – T6



Fonte – internet.

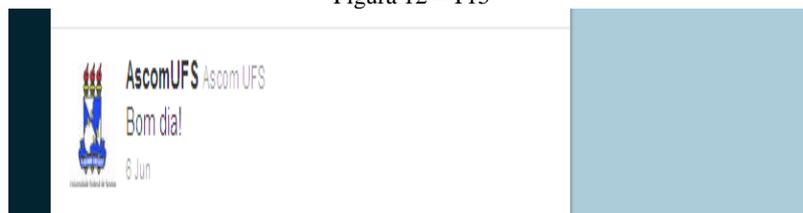
Reduzido número (T24, T15, T25; respectivamente figuras 11,12 e 13) é representativo de formas de polidez social, trata-se de cumprimentos ou agradecimentos, *posts* indiciativos da preocupação em manter aberto um possível canal de interação. Curioso, entretanto, é notar que formas de tratamento estão em geral ausentes ou são empregadas personificando o serviço – *Twitter* – o que acaba por acentuar o caráter de impessoalidade transmitido pela informação em vez de suscitar a interação interpessoal. No dizer do pesquisador Jair de Oliveira (2001) as instâncias políticas da polidez se reduzem por conta da mediação da máquina no processo comunicativo; para ele o domínio virtual do *Twitter* faz do usuário um transmissor de dados iludido com a sensação de interação pessoal. Sob esse prisma, qualquer manifestação de polidez assume características de simulacro.

Figura 11 – T24



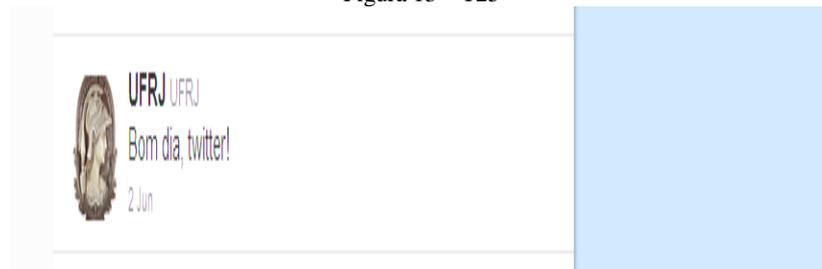
Fonte: Internet

Figura 12 – T15



Fonte: Internet

Figura 13 – T25



Fonte: Internet

Para Alex Primo (2007, p.5), uma rede social só se efetiva mediante a constituição do processo de interação entre os envolvidos, não se pode privilegiar um ou outro elemento nem tampouco basear-se apenas no conteúdo das mensagens ou na conexão entre máquinas que encurta distâncias. O processo interativo para se completar precisa considerar as relações entre os interagentes e estas relações devem se processar de forma igualitária, sem que haja manipulação dos elementos constitutivos do processo por apenas um dos lados. Nas postagens analisadas, quando ocorre uma tentativa de envolver o interlocutor, esse procedimento finda por ratificar a verticalidade do processo (figuras 14 e 15).

Figura 14 – T1 - post de 25 de julho

há 51 minutos

**usponline** USP Online

Confira os locais da primeira etapa do Exame de Transferência para ingresso na USP em 2012 que ocorrerá no dia 31

goo.gl/bT9MW

há 2 horas

Fonte: Internet

Figura 15 – T2 – post de 20 de julho

**usponline** USP Online

Conheça a primeira versão do Tutorial Importação para Pesquisa - TIP, desenvolvido pela ICMC Júnior da USP de São Carlos

goo.gl/Ujwdw

há 5 minutos

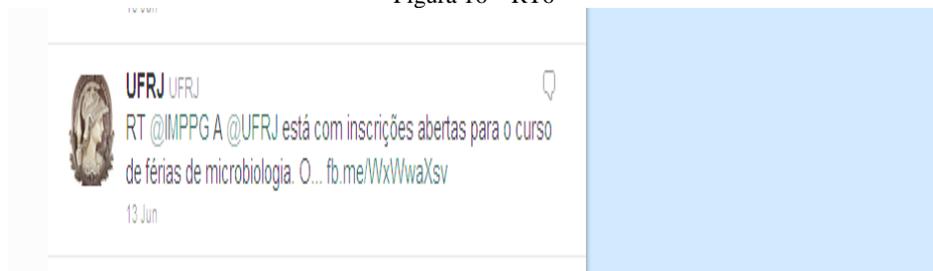
Fonte: Internet

Note-se que a utilização de formas verbais no imperativo anula qualquer possibilidade de aproximação com o outro e colabora para manutenção do poder que a instituição representa a partir do momento em que determina, ordena. Essa determinação representada

pelo tempo verbal é, mais uma vez, característica de um procedimento hierarquizado na difusão da informação. A postura das universidades não condiz com a imagem proporcionada pela web de rede com relações ilimitadas, de conectividade absoluta, de ausência total de controle.

É também pequena a quantidade de *tweets* em que se estabelece efetivamente o processo interativo: poucos questionamentos ou colocações por parte dos discentes; poucas mensagens retuitadas tanto pela instituição, quanto por seus seguidores como em RT6, RT1, R1 (Figuras 16, 17 e 18); dentre 36 *posts* selecionados, nove consistiam em retuites e quatro e respostas.

Figura 16 – RT6



Fonte – Internet

Figura 17 – RT 1 - 10/05/2011



Fonte – Internet

Figura 18 – R1: Resposta de @usponline



Fonte – Internet

A estrutura das redes sociais comporta vários níveis de fluxo informacional, tende para uma utilização múltipla desses níveis de modo a caminhar para uma relação mais igualitária entre os indivíduos, abandonando a postura vertical característica de modelos de comunicação de massa (ZAGO, 2011). Nesse tipo de relação, a informação é construída coletivamente; os interagentes são colocados num mesmo plano, com um mesmo nível de controle sobre qual informação divulgar. Dessa forma, lidam com um poder compartilhado, mais propenso a não reprodução de discursos de grupos dominantes por possibilitar certa diversidade de opiniões ou de escolhas. Isso não se dá nos *microblogs* estudados. Mesmo na página da universidade carioca que é construída com a colaboração de alunos, encontra-se uma seleção de conteúdos que denotam relação hierarquizada; as postagens tendem a reforçar uma imagem positiva da instituição na medida em que se limitam a informar sobre eventos. Não encontramos menção a atividades organizadas pelos universitários ou por outros membros da comunidade acadêmica, nem pudemos observar postagens que chamassem atenção para alguma dificuldade na administração dos campi ou qualquer temática que remetesse a questões administrativas problemáticas. O discurso vigente permanece sendo o do grupo dominante ainda que, em tese, haja a possibilidade da voz dos estudantes sobressair. As instituições reproduzem uma relação vertical entre interagentes, não é possível falar em real “liberdade **total** de expressão” uma vez que o controle do que pode e deve ser dito está nas mãos de um.

O pequeno número de *tweets* repassados é outro sinalizador dessa relação verticalizada que reforça os limites quanto à liberdade de expressão. *Retweets* constituem mecanismo impulsionador da circulação das informações postadas. Quanto ao termo “circulação”, Zago (2011) posiciona-se:

Ainda que se empregue o termo "difusão de informações" para o estudo das redes sociais, entende-se que se trataria, de fato, de uma circulação de informações, na medida em que ao invés de a informação ser difundida de um único polo irradiador para outros indivíduos (...), a informação percorre caminhos variados, circulando entre os indivíduos e por diferentes níveis midiáticos. [...] Assim, ainda que possa haver influenciadores no processo, trata-se de um movimento multidirecional. (p.33-4; destaque da autora.)

Esse movimento circular das informações que as redes sociais pressupõem não é verificado nem numa universidade de grande porte como a USP com mais de 41.000 seguidores, nem na pequena federal sergipana com seus quase 4.000. Importa frisar que mesmo o *Twitter* da UFRJ conta com reduzido número de *retweets* o que causa estranheza quando verificamos que os alunos participam da produção. Seria de se esperar que isso facilitasse a interação entre pares ao menos.

De fato, os *microblogs* das instituições de ensino analisados funcionam mais como difusores de informações em vez de colaborarem para sua circulação. Como concentram o poder de difusão da informação não dando ao outro a possibilidade de também ser fonte, impedem, a circulação⁵³, pois os usuários, por não se identificarem com o que foi divulgado, tendem a não repassar as informações. Destarte, ficam enfraquecidos laços de interação passíveis de estimular maior liberdade de expressão.

Observa-se a presença de *links* externos⁵⁴ em boa parte das postagens (como exemplifica a figura 19); eles não foram encontrados em apenas nove *posts*. Embora funcionem como recurso para amplificar possibilidades de complementação do conteúdo postado uma vez que a quantidade de caracteres passíveis de serem usados no *microblog* é diminuta, vale destacar sua importância como elementos direcionadores no processo de controle de acesso à informação.

Figura 19 – T7 Exemplo de postagem com *link* externo.



Fonte - Internet

Se considerarmos com Marcuschi (2004, p.31) “que nem todos os indivíduos produzem toda espécie de gêneros textuais, pois esta é uma questão de inserção social e não de decisão individual”, podemos facilmente acatar a posição dijkiana de que os limites de

⁵³ É oportuno ressaltar, conforme Zago (2011), que a utilização do *Twitter* no Brasil tende para seu uso como um *feed* de notícias em que o usuário escolhe que informações captar, divulgar, repassar de acordo com seus interesses. Ora, quando inexistente a possibilidade de escolha compartilhada, diminui a chance de envolvimento, facilitador da propagação da informação.

⁵⁴ A estrutura composicional do gênero *microblog* comporta tanto o uso de *links* internos que direcionam os usuários para outras páginas dentro do ambiente do *Twitter*, como *links* externos que encaminham o internauta para conteúdos fora da plataforma.

acesso colaboram para a consolidação das estruturas do poder dominante e que o contexto exerce papel categórico nesse processo. No contexto delimitado pelas novas tecnologias de informação e comunicação, mais detidamente, pelo universo das redes sociais de que o *Twitter* faz parte, instaurou-se um modelo mental que comporta ideais de liberdade de expressão irrestrita e de grande diversidade de conteúdo. Essa crença é alimentada pela amplitude espacial que o texto pode alcançar, bem como pelas especificidades temporais do meio digital.

Esse discurso, corrente na contemporaneidade, aloca proposições que se repetem e se legitimam; uma vez internalizadas são encaradas como naturais pelo senso comum. Meurer (2007) entende que a noção de naturalização de realidades criadas discursivamente, por vezes, torna veladas as relações entre linguagem e estrutura social. Segundo ele,

A noção de naturalização é associada à de opacidade. Significa que as ‘realidades’ criadas discursivamente passam a ser percebidas como algo *natural*, imutável, parte de sua própria natureza. Uma vez que determinada perspectiva se torna naturalizada, torna-se ‘legítima’, subliminar e de difícil desconstrução (MEURER, 2007, p.91. Grifos do autor.).

Não queremos, contudo, corroborar uma visão determinista quanto à cibercultura em que primem o controle, a superficialidade, as imposições de modismos, o isolamento. Ressaltamos seu caráter agregador de valores e interesses diversos e divergentes, sua possibilidade de amplo alcance comunicacional proporcionado pelas novas dimensões temporais e espaciais introduzidas. Frisamos, com Britto (2009, p.188) que a cibercultura tem:

Potencialmente traços altamente positivos: democratizantes, de religamento social, de estabelecimento da possibilidade da relação dialógica não presencial, de pluralidade e de trocas culturais frutíferas. Porém, esses potenciais podem ser desenvolvidos e impulsionados ou atrofiados e reduzidos a papéis secundários.

Dito de outro modo, cabe a nós contrapor um modelo mental em formação que naturaliza a ideia de necessidade imperativa por visibilidade através das TIC sem que esse uso esteja aliado a uma visão crítica da cibercultura com seus aparatos tecnológicos, suas redes sociais, sua interferência em nosso cotidiano, na constituição de nossa identidade social e individual.

Diante do acima exposto, cabe questionar a validade da entrada de instituições de ensino em redes sociais como o *Twitter*, uma vez que esses estabelecimentos deixam de atender a interesses reais de interação com a comunidade acadêmica para apenas representar aquiescência às imposições sociais dos detentores do poder que ditam como necessária a visibilidade no domínio virtual.

É inegável a potencialidade do *microblog* como meio de divulgação de notícias, no entanto, há que se considerar seu alcance uma vez que, conforme constatado em nosso *corpus* de pesquisa, os *retweets* não são frequentes e segundo Kwak et al. (2010, p.1) é “o mecanismo de *retweet* que autoriza o usuário a difundir a informação”⁵⁵. Dessa forma, as páginas das instituições de ensino superior analisadas não estariam cumprindo nem o papel de rede social por não haver interação significativa com o corpo acadêmico, nem plenamente o papel de fonte de compartilhamento e de troca de informação se considerarmos a pequena circulação das postagens. Restaria às instituições o papel de reforçar uma visão de naturalização da liberdade irrestrita de expressão através da visibilidade dada pelas mídias virtuais.

⁵⁵ Tradução nossa para “[...] The retweet mechanism empowers users to spread information [...]” (KWAK et al., 2010, p.1).

CONCLUSÃO

Práticas languageiras se determinam no exercício do poder. Mesmo nos enunciados em que menos se espera – textos informativos, curtos, quase manchetes ou *feeds* direcionadores de conteúdo – pode-se encontrar exemplo de propagação do discurso de grupos dominantes. Naturalizou-se a ideia de que textos informativos são neutros, dessa forma, quando os lemos, ativamos um modelo mental predisposto a essa neutralidade e armazenamos ou colocamos em circulação informações sem ativar um senso crítico em relação a elas, por vezes mesmo sem fazer qualquer juízo de valor.

Textos que se pretendem neutros produzem um efeito de verdade. Como parecem carecer de um produtor e são produzidos mediante uma escolha lexical que remete a certa cientificidade, não são passíveis de serem questionados. Instaura-se assim um discurso de autoridade balizado por instituições que reverberam o discurso dominante de poder.

A análise dos textos postados no *microblog* Twitter denota que mais do que funcionar como meio de interação entre a instituição de ensino e comunidade acadêmica, os *tweets* respondem a uma imposição da sociedade contemporânea para se estar conectado, independentemente de esta conexão se efetivar ratificada pelo processo de interação. Atender a uma demanda social pelo tecnológico, pela participação em redes sociais torna-se mais premente do que interagir com seus pares. O *microblog* finda por funcionar como um *feed* de notícias, página meramente informativa que, embora de grande utilidade pelo teor de seu conteúdo, não atinge de forma expressiva um bom número de estudantes e/ou de funcionários na medida em que não suscita a interação que seria a fomentadora de uma maior diversidade temática. Deste modo, restringe-se a “possível” liberdade de expressão, limita-se a diversidade de conteúdo, determinado arbitrariamente pelas instâncias superiores sem a colaboração dos usuários. Detentoras do controle sobre o que e quando postar, as instituições de ensino corroboram interesses de instâncias superiores de modo a propagar o discurso dominante e exercer poder na sociedade.

As considerações acima expostas são decorrentes do percurso traçado para atender ao objetivo de analisar, a partir do gênero textual *microblog*, a constituição de discursos de

instituições de ensino superior e sua relação com estruturas de poder mediante a visibilidade proporcionada pelo suporte virtual.

Nesse intuito, organizamos um primeiro capítulo com a finalidade de observar mais detidamente alguns conceitos próprios do ciberespaço como internet, rede, mídia, o virtual e globalização. Esse resgate tencionou dirimir dúvidas quanto à conceituação desses termos ainda novos, bem como buscou delimitar as fronteiras por nós delineadas. Assim, caracterizamos a Internet como um sistema de redes de computadores de abrangência mundial, permanentemente interligados. Uma rede que, embora se pretenda global e universalizante, remete a um distanciamento que se instaura na mesma proporção que a proximidade advinda da amplitude espacial e das novas formas de lidar com a temporalidade. Modelos mentais valorativos dessa concepção de rede propagam-se pela mídia, sobretudo a mídia virtual, meio de comunicação e de veiculação de informação em âmbito digital. As informações no domínio do virtual se realizam pelas atualizações proporcionadas por processos dialógicos próprios desse meio. A mídia virtual, em seu empoderamento, promove o ideário da globalização que prima por ressaltar modelos mentais que instituem como naturais a visibilidade e o consumo.

Esse exercício de poder, como não poderia deixar de ser, constituído na linguagem e em sua relação com outras práticas sociais, pode ser vislumbrado ao considerarmos a noção de gênero textual. Esse conceito foi apresentado no segundo capítulo que teve sequência com a avaliação da emergência do hipertexto como fundamento para os gêneros textuais digitais representados nesta pesquisa pelo *blog* e pelo *microblog*. Ainda nesse capítulo, fizemos considerações sobre a linguagem em âmbito digital para, em seguida, entrar na questão do suporte, visto tratar-se de elemento significativo para a produção do gênero textual nesse domínio.

No terceiro capítulo, nos detivemos nos postulados da Análise Crítica do Discurso sob a ótica sociocognitiva de van Dijk. Recorremos às observações sobre estruturas discursivas, estruturas sociais e suas relações de poder para fundamentar nossa análise. Como a ACD abrange uma gama de modelos teóricos distintos, concentramos nossos estudos nas noções de discurso, ideologia, poder, cognição e modelos mentais por entendermos que processos de distribuição de poder fundamentam-se em interações sociais como as que se estabelecem em redes sociais como o *Twitter*. O discurso, materializado nos textos das postagens, reforça uma estrutura ideológica que instiga a internalização de crenças de que a visibilidade é

indiscutivelmente primordial na contemporaneidade, crenças que misturam as possibilidades de um espaço cibernético sem fronteira com convicções de uma ilimitada liberdade de expressão.

Buscamos, no último capítulo, mediante observação simples aliada aos conceitos da ACD acima elencados, interpretar os dados de um *corpus* do qual selecionamos 36 postagens de *microblogs* de duas universidades federais e uma estadual – a saber: UFS e UFRJ e USP. Os resultados nos levaram a ratificar a hipótese de que nas postagens, estruturas discursivas relacionadas a estruturas sociais contribuem para a naturalização de procedimentos de controle e são responsáveis pela automatização de um discurso que prega a visibilidade incontestada e a liberdade de expressão irrestrita na comunicação mediada por computador.

Julgamos nosso estudo pertinente não só porque a agilidade com que se processam as mudanças na contemporaneidade seja empecilho significativo ao desenvolvimento de um senso crítico mais acurado e essa pesquisa contribui para que seja feita uma pausa necessária a possíveis movimentos de ruptura que precedem ao exercício de um contrapoder nos termos gramscianos⁵⁶, mas também porque é um estudo que colabora na caracterização do gênero *microblog*, uma vez que, em nosso percurso investigativo não encontramos outros trabalhos na área de Letras que estabelecessem o conceito desse gênero textual.

Consideramos os objetivos propostos atingidos satisfatoriamente muito embora o recorte imposto pelas limitações desta dissertação não nos tenha permitido exaurir as possibilidades de análise aventadas. Assim, estudos futuros que tomem os dados aqui apresentados sob um prisma que privilegie o quantitativo podem reforçar e complementar as considerações a que chegamos. Outro viés possível partiria da análise mais detida nos elementos componentes da estrutura do hipertexto produzido no *Twitter* a fim de observar como esses elementos são ressignificados por práticas sociais características da globalização e como afetam nossas relações com a alteridade. Enfim, o domínio das TIC dá margem a vasta área de estudo ainda não suficientemente desenvolvida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

⁵⁶ Conforme nota 45.

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado* – notas para uma investigação. Tradução de Joaquim J. de M. Ramos. Lisboa/São Paulo: Editorial Presença/Martins Fontes, 1974.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 2003.4.ed. p.261-306.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1981.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes Editores, 2006. 2ed., p. 81-90.

BOURDIEU, Pierre. Doxa e vida cotidiana: uma entrevista. In: ZIZEK, Slavoj (org). *Um mapa de La cuestión*. Espanha: Fondo de Cultura Económica, 2003, p.295-308.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: _____ (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 9-31.

_____. Estilo. In: _____(org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2010, 4.ed., p.79-102.

_____. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2010, 4.ed.

BRITTO, Rovilson Robbi. *Cibercultura: sob o olhar dos estudos culturais*. São Paulo: Paulinas, 2009.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis (org.). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2010, 5ª ed. p.255-287.

CASTRO, Bruno Diego de Resende; ALEXANDRE, Leila Rachel Barbosa. *São apenas 140 caracteres? Pressões comunicativas e transgressões dos limites do Twitter*. In: Anais eletrônicos do 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. Recife: UFPE/NEHTE, 2010. Disponível em <<http://www.ufpe.br/nehete/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Bruno-Diego-Castro&Leila-Rachel-Barbosa.pdf>>. Acesso em 11 de abril de 2011.

CHARADEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. Trad. Reginaldo Carmello Côrrea de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Editora fundação Perseu Abramo, 2006.

COSCARELLI, Carla Viana. Entre textos e hipertextos. In: _____ (org.) *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 3.ed. p. 65-84.

COSTA, Isaac Itamar de; LIRA SILVA, José André de. *Procedimentos linguístico-discursivos utilizados pelos twitteiros para a composição de um texto sintético*. In: Anais eletrônicos do 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. Recife: UFPE/NEHTE, 2010. Disponível em <<http://www.ufpe.br/nehete/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Isaac-Itamar-Mdllo&Jose-Andre-Lira.pdf>>. Acesso em 11 de abril de 2011.

FAIRCLOUGH, Norman. *Critical Discourse Analysis*. S.d.a. Disponível em <www.ling.lancs.ac.uk/staff/norman/critdiscanalysis.doc>. Acesso em 03 de fevereiro de 2011.

_____. *Critical discourse analysis in transdisciplinary research on social change: transition, re-scaling, poverty and social inclusion*. S.d.b. Disponível em <www.ling.lancs.ac.uk/.../Critical%20discourse%20analysis%20in%20trans>. Acesso em 03 de fevereiro de 2011.

_____. *Discurso e mudança social*. Coordenadora da tradução Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009a.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; trad. Raquel Ramallete. 37. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009b.

FOWLER, Roger. Sobre a Linguística Crítica. In: *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 4, n.esp, 2004, p. 207-222.

FRANÇA, Lilian Monteiro. *Cultura blogger*. Revista da Fapese, v.4, n. 1, p. 49-56, jan./jun. 2008.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEWITT, Hugh. *Blog: entenda a revolução que vai mudar o seu mundo*; trad. Alexandre Martins Morais. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007.

HOFFNAGEL, Judith; FALCONE, Karine (orgs.). *Discurso e poder/ Teun A. van Dijk*. Trad. vários colaboradores. São Paulo: Contexto, 2008.

HUBERMAN, B. A.; ROMERO, D. M.; WU, F. *Social networks that matter: Twitter under the microscope*. arXiv:0812.1045v1, Dec 2008. Disponível em <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1313405>. Acesso em 05 de abril de 2001

INDURSKY, Freda. O texto nos estudos da linguagem: limites e especificidades. In: ORLANDI, Eni P., RODRIGUES, Suzy Lagazzi. *Discurso e textualidade*. Campinas: Pontes Editores. 2 ed., 2010. p.33-80.

JAVA, Akshay; SONG, Xiaodan; FININ, Tim; TSENG, Belle. *Why We Twitter: Understanding Microblogging Usage and Communities*. In Proc. of the 9th WebKDD and 1st SNA-KDD 2007 workshop on Web mining and social network analysis. ACM, 2007. Disponível em <<http://ebiquity.umbc.edu/get/a/publication/369.pdf>>. Acesso em 05 de abril de 2011.

KOHAN, Néstor. Gramsci e Marx: hegemonia e poder na teoria marxista. In: *La hisquienda debate*. Trad. Edmundo F. Dias. Buenos Aires, 2001. Disponível em <www.rebellion.org/docs/98548.pdf>. Acesso em 28 de maio de 2012.

KWAK, Haewoon; LEE, Changhyun; PARK, Hosung; MOON, Sue. *What is Twitter, a Social Network or a News Media?* WWW 2010, April 26–30, 2010, Raleigh, North Carolina, USA. ACM 978-1-60558-799-8/10/04. Disponível em <<http://an.kaist.ac.kr/~haewoon/papers/2010-www-twitter.pdf>>. Acesso em 28 de abril de 2011.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.2.ed.

_____. Hipertexto e construção do sentido. *Alfa*, São Paulo, v.51, n.1, p.23-38, 2007. Disponível em <<http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v51-1/02-Koch.pdf>> Acesso em 22 de janeiro de 2011.

KOMESU, Fabiana Cristina. *Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet*. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (orgs). *Hipertexto e gêneros digitais*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005a. p.110-119.

_____. *Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs na internet*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2005b. Tese de doutorado. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000358660>>. Acesso em 2 de maio de 2010.

LEMOS, André. Anjos interativos e retribalização do mundo. Sobre interatividade e interfaces digitais. *Tendências XXI*, Lisboa, 1997. Disponível em <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/interativo.pdf>>. Acesso em 06 de outubro de 2010.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual*. São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAGALHÃES, Izabel. Introdução: a Análise de Discurso Crítica. D.E.L.T.A., 21: especial, 2005, p.1-9. Disponível em <www.scielo.br/pdf/delta/v21nspe/29248.pdf>. Acesso em 03 de fevereiro de 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003a. 2ed. p.19-36.

_____. *A questão do suporte dos gêneros textuais*. 2003b. Disponível em: <http://www.sme.pmmc.com.br/arquivos/matrizes/matrizes_portugues/anexos/texto-15.pdf> . Acesso em 08 de maio de 2011.

_____. O papel da atividade discursiva no exercício do controle social. In: *Cadernos de Linguagem e Sociedade*. V.7, p. 7-33, 2004-5. Disponível em <www.red.unb.br/index.php/les/article/download/1257/911>. Acesso em 27 de abril de 2001.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____; XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. 2.ed. p. 13-67.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 3.ed.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. *Práticas discursivas, gêneros do discurso e textualização*. Estudos Linguísticos XXXV, p.138-145, 2006. Disponível em <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/mdlmm.pdf>>. Acesso em 18 de março de 2010.

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: _____; BONINI, Adair. MOTA-ROTH, Desirée (orgs.) (2005) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 81-106

MEYER, Michael. Between theory, methods and politics: positioning of the approaches of CDA. In: WODAK, Ruth; _____ (orgs.). *Methods of Critical Discourse Analysis*. England: Sage, 2001, p. 14-31.

MORAES, Dênis. O capital da mídia na lógica da globalização. In: _____ (org.). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2010, 5ª ed. p.187-216.

MORTENSEN, Torill; WALKER, Jill. *Blogging thoughts: personal publication as an online research tool*. Researching ICTs in context. 2002, p.249-279. Disponível em <http://www.intermedia.uio.no/konferanser/skikt-02/docs/Researching_ICTs_in_context-Ch11-Mortensen-Walker.pdf>. Acesso em 28 de maio de 2010.

MUSSALIN, Fernanda. Análise do discurso. In: _____; BENTES, A. (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v. 2, 6.ed. São Paulo: Cortez, 2009, p.101-142.

OLIVEIRA, Jair Antonio. The (Non) Place of Politeness in the Twittersphere. In: *Meaning, Context and Cognition 2011*. Lodz:Lodz University,Poland, 2011, p.77-81.

ORIHUELA, José Luis. *Twitter y el boom del microblogging*. Revista Perspectivas del mundo de la comunicación, nº 43, Nov/dez 2007. Disponível em <<http://www.unav.es/fcom/perspectivas/trayectoria.html>>. Acesso em 28 de maio de 2010.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

_____. Análise de Discurso. In: _____; LAGAZZI-RODRIGUES (orgs.), Suzy. *Introdução às Ciências da linguagem: Discurso e textualidade*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: Estrutura ou acontecimento*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. *Análise Crítica do Discurso: do linguístico ao social no gênero midiático*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

PEREIRA, Daniel Augustin. *As mídias sociais como estratégia de comunicação em instituições de ensino: estudo de caso no Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia de Santa Catarina*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UDESC, 2011. Disponível em <https://wiki.ifsc.edu.br/mediawiki/images/9/9c/Daniel_Augustin_Pereira_adm_as_midias_co_mo_estrategia_de_comunicacao_em_instituicoes_de_ensino.pdf>. Acesso em 30 de dezembro de 2011.

POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. E- Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007. Disponível em <<http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf>>. Acesso em 26 de abril de 2010.

_____. *Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera*. Porto Alegre: Revista Famecos nº 36, agosto 2008. Disponível em:<http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/revista_famecos.pdf>. Acesso em 26 de abril de 2010.

_____. *Interney Blogs como micromídia digital: Elementos para o estudo do encadeamento midiático*. In: 17º Encontro Anual de Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2008, São Paulo. Anais... , 2008b. p.1 – 17. Disponível em <<http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/interney.pdf>>. Acesso em 25 de abril de 2012.

RECUERO, Raquel da Cunha. *Weblogs, webrings e comunidades virtuais*. 404nOtfound (UFBA), v. 1, n. 31, p.1-15, 2003. Disponível em <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>>. Acesso em 26 de abril de 2010.

REZENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os processos da globalização. In _____ (org). *A globalização e as ciências sociais*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002, p.25-104.

SEMERARO, Giovanni. Da sociedade de massa à sociedade civil: a concepção da subjetividade em Gramsci. *Educação & Sociedade*, ano XX, nº 66, Abril/99, p. 65-83.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio. Redes de sentidos e raciocínios antagonistas: a Internet na interface do discurso. In: GRIGOLETTO, E. ; DE NARDI, F. S.; SCHONS, C.R. (orgs). *Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço*. Recife: Ed. Universitária - UFPE, 2011, p. 19-45.

SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 3 de abril de 2011.

SODRÉ, Muniz. O globalismo como neobarbárie. In: MORAES, Dênis (org.). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2010, 5ª ed. p.21-40.

SPYER, Juliano; FERLA, Luiz Alberto; PAIVA, Moriael; AMORIM, Fabíola. *Tudo o que você precisa saber sobre o Twitter*. Talk Interactive, 2009. Disponível em :<http://www.guiadotwitter.talk2.com.br/arquivos/Manual_Twitter_3_MB.pdf>. Acesso 20 de abril de 2011.

TRÄSEL, Marcelo. A vitória de Pirro dos *blogs*: ubiquidade e dispersão conceitual na web. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (orgs.). *Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p.93-108.

VAN DIJK, Teun A (ed) Levels and dimensions of discourse analysis. In: _____. *Handbook of discourse analysis (C3)* 1985. (C.3.), vol.2, p. 1-11. Disponível em <<http://www.discourses.org/OldArticles/Levels%20and%20Dimensions%20of%20Discourse%20Analysis.pdf>>. Acesso em 16 de dezembro de 2010.

_____. Structures of discourse and structures of power. In: Anderson, J.A. (ed.). *Communication yearbook 12*. Newbury Park, CA: Sage, 1989, p.18-59.

_____. *Ideology A Multidisciplinary Approach*. London: Sage, 1998.

_____. Ideology and discourse analysis. In: *Journal of Political Ideologies*. London: Routledge Taylor Francis Group, 11(2), 2006, p. 115-140. Disponível em <<http://www.discourses.org/OldArticles/Ideology%20and%20discourse%20analysis.pdf>>. Acesso em 12 de setembro de 2011.

_____. Análise Crítica do Discurso. In: HOFFNAGEL, Judith; FALCONE, Karine (orgs.). *Discurso e poder/ Teun A. van Dijk*. São Paulo: Contexto, 2008a, p.113-132.

_____. Discurso e dominação: uma introdução. In: HOFFNAGEL, Judith; FALCONE, Karine (orgs.). *Discurso e poder/ Teun A. van Dijk*. São Paulo: Contexto, 2008b, p. 9-37.

_____. Discurso político e cognição política. In: HOFFNAGEL, Judith; FALCONE, Karine (orgs.). *Discurso e poder/ Teun A. van Dijk*. São Paulo: Contexto, 2008c, p. 9-37.

_____. Estruturas do discurso e estruturas do poder. In: HOFFNAGEL, Judith; FALCONE, Karine (orgs.). *Discurso e poder/ Teun A. van Dijk*. São Paulo: Contexto, 2008d, p. 39-85.

VAZ, Paulo. Mediação e tecnologia. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado (orgs.). *A genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2ed., 2008, p.216-238.

WEISS, Gilbert; WODAK, Ruth . Theory, Interdisciplinarity and Critical Discourse Analysis. In: _____ (orgs.). *Critical discourse analysis: theory and interdisciplinarity*. New York: Palgrave Macmillan, 2003, p. 1-32.

WODAK, Ruth. The discourse historical approach. In: _____; MEYER, Michael (orgs.). *Methods of Critical Discourse Analysis*. England: Sage, 2001, p. 63-94.

_____. De que trata a ACD. In: *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, v.4, n.esp., 2004, p. 223-243. Disponível em <<http://www.scribd.com/doc/25218501/WODAK-Ruth-Do-que-trata-a-ACDXXX>>. Acesso em 03 de fevereiro de 2011.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; _____ (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. 2.ed. p. 170-180.

_____. *A era do hipertexto: linguagem e tecnologia*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

ZAGO, Gabriela da Silva. *Dos Blogs aos Microblogs: Aspectos Históricos, Formatos e Características*. 2008. Disponível em <http://www.utp.br/interin/artigos/artigo_livre_Zago.pdf>. Acesso em 24 de abril de 2011.

_____. *Recirculação jornalística no Twitter: filtro e comentário de notícias por interagentes como uma forma de potencialização da informação*. Dissertação de mestrado. UFRGS, 2011. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/28921>>. Acesso em 02 de setembro de 2011.

ANEXO 1

Postagens de @USPOnline analisadas.

há 51 minutos



usponline USP Online

Confira os locais da primeira etapa do Exame de Transferência para ingresso na USP em 2012 que ocorrerá no dia 31

goo.gl/bT9MW

há 2 horas

T1 9

post de 25 de julho



usponline USP Online

Conheça a primeira versão do Tutorial Importação para Pesquisa - TIP, desenvolvido pela ICMC Júnior da USP de São Carlos

goo.gl/Ujwdw

há 5 minutos

T2 10

post de 20 de julho

há 23 horas



usponline USP Online

Veja, no Instituto de Estudos Avançados, professores debatem a erradicação da pobreza através da educação goo.gl/v8Uks

22 Jun

T3



usponline USP Online

FFCLRP realiza encontro sobre discurso na internet <http://bit.ly/kcEn01>

7 Jun

T4



usponline USP Online

Inscrições abertas para seminário gratuito sobre gestão de resíduos <http://bit.ly/mbkz8A>

6 Jun

T5 2

23 May



usponline USP Online

Palestra discute a análise do discurso na FFCLRP <http://bit.ly/kjTsGW>

23 May

T6

close x



Museu Paulista oferece oficina gratuita para professores <http://bit.ly/iMcbxg>

1 hour ago via [twitterfeed](#)

Retweeted by [Agostini_CF](#) and others

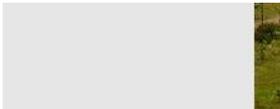


RT 1 - 10/05/2011



[@tetecristina](#) Por favor, indique um dos links quebrados para que possamos verificar.

11:02 AM Apr 8th via Seismic twhirl in reply to [@tetecristina](#)



R1

Resposta de [@usponline](#)



usponline USP Online
HU promove ciclo de palestras sobre quedas em idosos <http://bit.ly/iBkkWI>
21 hours ago



T7 8



usponline USP Online
FEA capacita para elaboração de trabalhos acadêmicos <http://bit.ly/hVN4bp>
25 Apr

T8



usponline USP Online
Inscrições abertas para evento sobre neuroendocrinologia <http://bit.ly/ffXnnp>
20 Apr

T9

Palestra na FEA sobre consumo <http://migre.me/4d1Zn>

2:14 PM Apr 8th via web

T10 - USP

ANEXO – 2

Postagens de @AscomUFS analisadas.

	<p>AscomUFS Ascom UFS Núcleos de pós-graduação da UFS podem enviar subprojetos para edital Pró-Equipamentos da Capes até dia 10 de agosto: ufs.br/?pg=noticia&id... 18 Jul</p>	T11	
	<p>AscomUFS Ascom UFS Sai resultado da isenção da taxa de inscrição no vestibular 2012 em todos os campi: ufs.br/?pg=noticia&id... 21 Jun</p>	T12	
	<p>AscomUFS Ascom UFS Conepe aprova mais vagas para vestibular e mais cursos de pós: ufs.br/?pg=noticia&id... 14 Jun</p>	T13	
	<p>AscomUFS Ascom UFS Sai edital com 1.451 vagas para portadores de diploma. Inscrições vão de 20 a 22 de junho: http://acessa.me/ezxk 7 Jun</p>		T14
	<p>AscomUFS Ascom UFS Bom dia! 6 Jun</p>		T15
	<p>AscomUFS Ascom UFS Confira balanço das obras nos cinco campi e entenda procedimentos: http://www.ufs.br/?pg=noticia&id=2774 31 May</p>	T16	
	<p>seedsergipe Sec Educação Sergipe  by AscomUFS @AscomUFS Alunos do Pré-universitário participam da VI Semana de Graduação da UFS http://ow.ly/56JPj 31 May</p>	RT2	



AscomUFS Ascom UFS

Estudante de Matemática é destaque no I Festival de Atletismo da UFS: <http://www.ufs.br/?pg=noticia&id=2762>

23 May

T16



AscomUFS Ascom UFS

Um Feliz Dia das Mães a todas as mães que, de alguma forma, ajudam no crescimento desta Universidade! Parabéns!

8 May

T17

close ×

@AscomUFS
Ascom UFS

Estudantes, saibam a importância de fazer o Enade:
<http://www.ufs.br/?pg=noticia&id=2742>

8 hours ago via web

Retweeted by [radioUFS](#) and others

RT3

close ×

@AscomUFS
Ascom UFS

Mestrado em Direito divulga resultado da 1ª fase da seleção - <http://www.ufs.br/?pg=noticia&id=2752>

21 hours ago via web

Retweeted by [paradagarrido](#) and 1 other

RT4



AscomUFS Ascom UFS
 UFS promove curso de idiomas para a comunidade externa
<http://www.ufs.br/?pg=noticia&id=2730>
 2 May

T18



AscomUFS Ascom UFS
 Com 1.577 vagas, processo de transferência interna começa hoje
<http://bit.ly/ec5AUO>
 18 Apr

T19



AscomUFS

Última chamada: servidores da UFS respondem Avaliação de Desempenho até 15/4:
<http://www.ufs.br/?pg=noticia&id=2709>

1:46 PM Apr 8th via web

Name Ascom UFS		
Location Brasil - Sergipe - Aracaju		
Web http://www.ufs.br		
Bio Assessoria de Comunicação da Universidade Federal de Sergipe		
36	2,439	56
following	followers	listed
Tweets		870
Favorites		
Lists		
@AscomUFS/concurso		

T20

- número de seguidores em 08/04/2011.



AscomUFS Ascom UFS
 Servidor da UFS ganha concurso de fotografia: <http://www.ufs.br/?pg=noticia&id=2702>
 4 Apr

T21

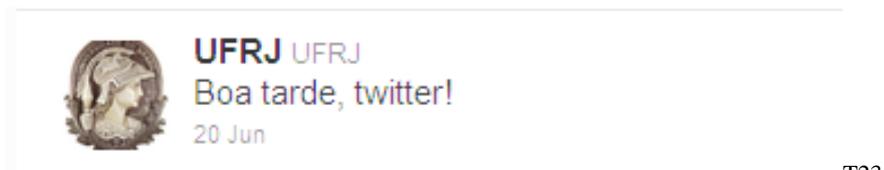
Reitor informa que aulas seguem normalmente no período da manhã.

2:09 AM Apr 4th via Snaptu

T22 UFS

ANEXO – 3

Postagens de @UFRJ analisadas.



UFRJ UFRJ
RT @MPPGA @UFRJ está com inscrições abertas para o curso de férias de microbiologia. O... fb.me/WxWwaXsv
13 Jun

RT6 1

 **UFRJ_Fundao** UFRJ - Campus Fundão  por UFRJ
Falta água (de novo!) no CT
8 Jun

RT7

3 Jun

 **UFRJ** UFRJ
Boa dia twitter! Semana produtiva para todos nós!
6 Jun

T24 3

 **UFRJ** UFRJ
Bom dia, twitter!
2 Jun

T25 5

 **UFRJ** UFRJ
RT @prefeituraufrj Colóquio internacional de Psicologia Social, no Instituto de Psicologia (IP), promove o Colóquio... <http://fb.me/sTRmj104>
31 May

RT8

Intervalo entre postagens.

**UFRJ** UFRJ

@neo_ab E-mail para informações sobre a Escola de Comunicação Social da UFRJ, info@eco.ufrj.br

21 May

**PortalUFRJ** PortalUFRJ by UFRJ

I Workshop de Inflamação do Instituto de Ciências Biomédicas da UFRJ <http://ow.ly/4TWGM>

13 May

**UFRJ** UFRJ

@TyaraOliveira Para informações sobre eventos na área de educação, acompanhe o site da Faculdade de Educação | www.fe.ufrj.br

13 May



R3

**UFRJ** UFRJ

@paula__alves Não há informações oficiais sobre o recomeço das aulas no CAp. Sugiro que ligue para o próprio colégio. Tel (21) 2511 5382.

3 May



R4

**PortalUFRJ** PortalUFRJ by UFRJ

Professor da UFRJ concorre a prêmio MundoGeo#Connect <http://ow.ly/4Gz1V>

25 Apr

RT9